

**“Ele foi olhado e então viu”
(Santo Agostinho)**

*Tríduo Pascal dos Liceais
Rimini, 28 a 30 de março de 2013*

INTRODUÇÃO, JOSÉ MEDINA

28 de março, sexta-feira, noite

Barco Negro

Non son sincera

Eis-nos aqui, Senhor, pequenos, incapazes, embrutecidos, incompletos e, ao mesmo tempo, cheios de urgência, de desejo de reencontrar alguém que possa preencher, completar a grandeza do nosso coração.

Eis-nos aqui, Senhor, cansados, facilmente distraídos, ausentes, adormentados, a não ser pela dor pungente ou pelo medo terrível, anormal, que por um instante seja capaz de nos tornar conscientes da nossa fraqueza e, ao mesmo tempo, da nossa grandeza.

Eis-nos aqui, Senhor, aqueles que, nos momentos mais verdadeiros, dizem: “Nasci e me sinto dissolver. Como, durmo, repouso e caminho, fico doente e me curo, assaltam-me inúmeros desejos e tormentos, gozo do sol e do que frutifica da terra. Depois, eu morro e a carne se torna pó como a dos animais que não têm pecado. Mas, eu, o que tenho mais que eles? Nada, a não ser Deus. Se não fosse Teu, meu Cristo, eu me sentiria uma criatura finita”ⁱ.

É por isso, Senhor, que nos reunimos, para viver junto conTigo, perto de Ti, nestes dias, com o desejo de olhar no rosto o nosso ser, o nosso drama: “Sem Ti, eu sou nada, criatura finita”. “Vem, Senhor, iluminar o meu coração, consolar o homem cansado, invadir o profundo do coração de teus amigos. Lava o que está sujo, banha o que está árido, cuida do que está sangrando”.

De pé, cantemos *Ó, vinde Espírito*.

Ó, vinde Espírito

Antes de tudo, agradeço por estarem aqui, agradeço-lhes porque a presença de cada um de nós, e especialmente as intervenções que enviaram foram e continuam sendo, para mim, o testemunho do poder transformador do Ressuscitado. Depois de ter lido as intervenções, vendo-os aqui, seria

pouco razoável não chegar a dizer que Ele está aqui! Há Algo que nos moveu e que é maior do que nós, mesmo que, algumas vezes, nem sequer nos demos conta.

O HOMEM É ESTRUTURALMENTE NECESSIDADE VISCERAL DE IMPOSSÍVEL

Uma amiga nossa escreve: “Neste último período, sinto que, diante de tudo – escola, namorado, amizades, pais –, desejo e espero sempre algo de grande de que sinto ter necessidade visceral, algo que seja capaz de me tornar feliz de verdade. [...] Parece-me um paradoxo esperar uma beleza [...] porque vejo que nada me satisfaz até o fundo, nada nem ninguém é tão grande quanto aquilo que eu desejo”.

Que paradoxo! Como nós somos estranhos! Não conseguimos ficar contentes com menos do que tudo. Eu sou deste mundo, de carne e osso, finito, mas não sou feito para coisas deste mundo. Sou feito para outra coisa, que não é deste mundo. Eu não nasci para viver e morrer, e basta. O meu coração, assim como o seu coração, deseja algo que não pode obter. Este paradoxo é experiência de todos os dias, é familiar para todos nós, e resume o drama do nosso viver, que é percebido veementemente em muitas das contribuições de vocês. A dramática experiência de estar vivos, de ser homens, hoje e sempre.

A cada passo, em cada circunstância, a realidade revela a imensa promessa de que temos necessidade visceral, algo de grande capaz de me tornar feliz de verdade. Algo ou alguém que parece se esconder por trás de todos os fragmentos do real. Algo que é, além do mais, a razão última pela qual nos colocamos no real com paixão.

Ao mesmo tempo, mais você vive a vida intensamente – com paixão – mais você se dá conta de que nada que você consiga possuir, fazer e viver lhe satisfaz, no sentido de fazer desaparecer este desejo. Na verdade, quanto mais você ama, mais quer ser amado; mais vence, mais quer vencer. Cada vitória, cada relacionamento, todos os encontros, despertam o desejo, tudo é marcado por uma saudade de outra coisa, misteriosa, “além”. Uma saudade que é continuamente despertada pelo real. Você, assim como eu, percebe esta dinâmica, esta necessidade visceral, este impulso irresistível em direção a um horizonte ilimitado a que você nunca consegue chegar definitivamente, mas que, naturalmente, nós identificamos com um ideal de felicidade, de verdade, de justiça, de belo, de bom, a que você não sabe tangenciar. Esta dinâmica que não nos dá trégua é a grandeza de cada homem.

Esta noite eu gostaria de lhes fazer escutar um trecho da peça *Calígula*ⁱⁱ, de Albert Camus. Calígula: o imperador romano que volta depois de uma longa ausência, depois da morte da sua amada, e dialoga com Hélicon, um confidente seu. Escutemos:

Hélicon: Bom dia, Gaio.

Calígula: Bom dia, Hélicon.

Hélicon: Pareces cansado.

Calígula: Caminhei muito.

Hélicon: Sim, tua ausência durou muito tempo.

Calígula: Era difícil encontrar.

Hélicon: O quê?

Calígula: Aquilo que eu queria.

Hélicon: E o que tu querias?

Calígula: A lua.

Hélicon: O quê?!

Calígula: Sim, eu queria a lua.

Hélicon: Ah... para fazer o quê?

Calígula: Bem, é uma das coisas que eu não tenho.

Hélicon: Certamente; e agora está tudo bem?

Calígula: Não, não consegui tê-la.

Hélicon: Que chato.

Calígula: Sim, é por isso que estou cansado... Hélicon...

Hélicon: Sim, Gaio?

Calígula: Achas que sou doido...

Hélicon: Tu sabes muito bem que eu nunca penso. Sou inteligente demais para pensar.

Calígula: Sim. Mas eu não sou louco e nunca fui tão razoável como agora, simplesmente senti, de maneira repentina, uma necessidade de impossível. As coisas, assim como são, não me parecem satisfatórias.

Hélicon: Esta é uma opinião bastante difundida.

Calígula: É verdade, mas antes eu não sabia. Agora, sei. Este mundo, assim como foi feito, não é suportável. Por isso, tenho necessidade da lua, ou da felicidade, ou da imortalidade; enfim, de algo que seja talvez insensato, mas que não seja deste mundo.

Hélicon: É um raciocínio consistente; mas, geralmente, não é possível sustentá-lo até o fim.

Calígula: Tu, Hélicon, não sabes nada a respeito: é justamente porque nunca se sustenta até o fim que nada nunca é obtido. Mas, talvez, basta permanecermos lógicos até o fim, e eu também sei o que tu pensas. Quantas histórias – tu pensas –, só por causa da morte de uma pessoa por quem eu estava apaixonado. Não, não, não é isto; creio me recordar de que uma mulher que eu amava morreu há alguns dias, mas o que é o amor? Pouca coisa. Esta morte não é nada, juro-te, é somente o sinal de uma verdade que torna a lua

necessária para mim, é uma verdade muito simples, muito clara, um pouco estúpida para ti, mas difícil de descobrir e pesada para ser carregada.

Hélicon: E qual é esta verdade, meu imperador?

Calígula: Os homens morrem e não são felizes.

Hélicon: Vamos, Gaio: esta é uma verdade com a qual não conseguimos nos arranjar muito bem; olha ao teu redor, não é isto o que impede os homens de comer e dançar.

Calígula: É então que tudo ao meu redor é mentira, estes homens são uma mentira, e eu, eu quero que se viva na verdade e eu tenho, insisto, os meios para fazê-los viver na verdade, porque eu sei o que lhes falta. Hélicon, eles são carentes dos conhecimentos e falta-lhes um mestre que saiba aquilo de que se fala.

Hélicon: Não te ofendas, Gaio, com aquilo que estou para te dizer. Tu deverias, antes de tudo, repousar, estás cansado.

Calígula: Isto não é possível, Hélicon, isto nunca mais será possível.

Hélicon: E por quê?

Calígula: Se eu dormir, quem me dará a lua?

Hélicon: Isto é verdade.

Calígula: Escuta, Hélicon; escuto passos e rumores de vozes [são os conspiradores contra ele]. Mantém o silêncio e esquece que me viste.

Hélicon: Entendi.

Calígula: E, por favor, de agora em diante, ajuda-me.

Hélicon: Não tenho por que não te ajudar, Gaio, mas sei muitas coisas, e poucas coisas me interessam, no que posso, portanto, ajudar-te?

Calígula: No impossível.

Hélicon: Farei o meu melhor.

“Mas eu – dizia Calígula – não sou louco e nunca fui tão razoável como agora, simplesmente senti, de maneira repentina, uma necessidade de impossível. As coisas, assim como são, não me parecem satisfatórias.” Pelo contrário, quanto mais presente e mais consciente você for, tanto mais sentirá a imponência do desejo: “Não posso dormir”. É razoável sentir esse impulso irresistível. É natural sentir, repentinamente, uma necessidade de impossível, sentir que as coisas, assim como são, não parecem satisfatórias, porque eu e você somos feitos para o impossível e este mundo, assim como se encontra feito, é muito pequeno. Uma de vocês escreve: “Eu me dou conta, sempre mais, e com cada vez maior evidência, que nada me basta. Esta finitude é devastadora: as coisas e as pessoas não são capazes de me responder, não são capazes de satisfazer o meu desejo. No fim de um dia, [...] vou para cama com o amargo na boca. Aconteceu, por exemplo, no meu aniversário: os meus

amigos prepararam surpresas e fizeram mesmo ver como gostam de mim, mas de noite me senti invadida pela melancolia, porque tudo acaba”.

Sentir a necessidade de algo de outro, de algo de incompreensível, inimaginável, algo que não seja deste mundo é natural, é a coisa mais natural para um ser humano. A sede de infinito, de coisas grandes, não foi gerada por você; é algo que você descobre em você. Essa sede de outro, esse desejo de infinito, não limitado pelas minhas capacidades, pelo tempo, não é algo que eu faço acontecer. É algo que eu reconheço em mim. É parte da minha natureza que é provocada, despertada pela realidade. É o real que grita: Ele existe! Não é, com efeito, algo que eu construo na minha cabeça. O Mistério se impõe na vida quando eu me empenho com o real, mobilizando a razão e a afeição, exigindo uma explicação. Somos obrigados, por natureza, a desejar, a esperar, a desejar algo de impossível. É estrutural do nosso ser.

Este desejo de infinito, de outro, que existe em mim, não pode ser impedido, a não ser que a pessoa pare de viver, de sentir, a menos que a pessoa durma.

É este desejo, esta urgência de algo que não sou eu, que nos distingue dos animais, que nos faz ser algo a mais do que uma criatura finita. É este desejo de outro que, agora, cantaremos juntos: “Não me basta, esta noite, um livro ou uma canção ou um amor de mulher [...]. Mas Tu [outro diferente de mim, não a minha fadiga ou o meu esforço], somente Tu podes preencher o vazio da minha mente”. Cantemos juntos.

Liberazione n. 2

A REDUÇÃO DO HOMEM A CRIATURA FINITA

Mas, geralmente, este desejo não pode ser sustentado até o fim, diz Hélicon. E este é um sentimento comum entre nós. Uma amiga nossa escreve: “Frequentemente, porém, esta espera me deixa triste, a partir do momento em que vejo que a plenitude completa que desejo está distante anos luzes do meu dia-a-dia”. E outro: “Eu, pessoalmente, sinto dentro de mim uma aspiração a algo de grande, é difícil encontrar seus confins, [...] e não gostaria que fosse uma condenação para quem tem o azar de perceber dentro de si esta insatisfação. [...] Leopardi, que mais do que todos viveu sinceramente este desejo, teve uma vida de infelicidade”.

Temos que levar a sério o desafio dessas objeções, porque dizemos a nós mesmos que temos este desejo, que experimentamos na nossa vida este desejo, mas facilmente o percebemos como uma condenação, até o ponto de nos dizermos: se não quer se desiludir, basta não esperar. Mas, dizer assim pressupõe o fato de introduzir alguma coisa que não vem do real. Certamente realizar este desejo não é possível para você, mas tudo no real, no meu dia-a-dia, promete algo de grande que

não sou eu. Certamente você não pode dar isso a você mesmo, é um outro que deve dá-lo a você. É uma questão de razoabilidade, neste ponto.

Viver à altura do nosso desejo, viver no nível da nossa razão – gosto de dizer: viver como homens – nos parece no mais das vezes insustentável. Ser homens nos parece uma loucura insustentável e, por isso, preferimos “ignorar o dado”, cobrindo a vida a cada dia de coisas para serem feitas, jogando-nos no turbilhão das coisas para serem feitas, tentando responder àquele vazio com uma posse que só pode ser cheia de pretensão; colocamos os fones de ouvido nas orelhas, de forma a não sentir mais o golpe do real, nos conformamos com viver uma vida irracional, esquecemos a grandeza do ser homens, nos conformamos com aquilo que é possível, quase dizendo “não quer se desiludir? Não espere nada”. Contentamo-nos com fazer coisas belas, e mesmo boas, e sentimos o desejo de ser “vergonhosamente felizes” como um sonho da juventude que o tempo e a idade dissolverão.

Esta é a posição mais comum diante do real: Dom Giussani chama isso de “negligência do eu”ⁱⁱⁱ. Ouçam Hélicon: “Sou inteligente demais para pensar. O que estás dizendo é verdadeiro, muito verdadeiro, um raciocínio que se mantém de pé, mas geralmente não é possível sustentá-lo até o fim. Por isso, não pensa demais. Aceita a desesperada verdade: os homens vivem, morrem e não são felizes. Uma verdade com a qual é fácil que nos arranjemos; olha ao teu redor, não é isto que impede os homens de comer e dançar”.

O que Hélicon diz é algo de dramaticamente presente em cada um de nós. Frequentemente, temos medo de ser homens, de ser razoáveis. Sentimos que não ter energia para viver e preferimos esquecer, negligenciar o eu, esquecer o relacionamento com o real e, como consequência, o relacionamento com o destino: viver num desespero silencioso, até o ponto de não sentir o novo aflorar do desejo como uma condenação.

Eis a tentação do homem: parece-nos melhor deixarmo-nos morrer que realizar a fadiga de viver. Parece-nos melhor reduzir o nosso existir à espera de um sonho nebuloso no futuro, enquanto vivemos um presente que não satisfaz, ou mesmo resignarmo-nos com uma vida sem sentido.

Rendemo-nos, tornando-nos não razoáveis, aterrorizados pela nossa natureza, ignorando o contragolpe do real, porque é mais fácil ceder ao desespero (usando a distração ou o sonho) do que ter a coragem de sustentar-se no caminho. É como se existisse em nós uma herança assassina. Diz o livro da *Sabedoria*: “Deus criou o homem para a felicidade, mas o homem busca a morte”^{iv}.

A condenação está em ignorar, em colocar de lado o meu eu, porque na medida em que eu esqueço e ignoro o contragolpe do ser, de algo que vem de fora de mim, o que se impõe é a afirmação violenta daquilo que me aflige, da minha instintividade, ou pior, do ceticismo que tem como único resultado final o tédio e a confusão. Viver como criatura finita é aterrorizante porque quanto mais se ignora e quanto menos se está empenhado, tanto mais se envelhece e tanto mais se está amargamente infelizes – algo bem diferente de vergonhosamente felizes!

Cantemos juntos *Forever Young*, a minha canção preferida, porque ajuda a entender muito bem o drama desta situação. Eu quero viver assim, como homem, mas sinto na minha voz o tremor, o medo de poder dizer coisas, de poder dizer que, diante da vida e da realidade, eu quero coisas grandes.

Forever Young

VIVER ESTA DIMENSÃO ESTRUTURAL É PEDIR

Se somos estruturalmente, visceralmente necessitados de outro, mesmo aqueles entre nós que têm a coragem de ser humanos sentem esta fraqueza, sentem a incapacidade de estar diante deste desejo. Então, qual é a alternativa, se esquecer é irracional? Repito a pergunta com as palavras de um amigo: “Como se faz para estar cheios de letícia quando nada satisfaz? Quanto mais você espera, tanto mais será ferrado! [...] Muitas vezes sinto dificuldade em estar neste nível e digo para mim mesmo: era melhor não ter encontrado o Movimento! O que fazer?”. Meus queridos, a insatisfação é o ponto de partida, mas não é o fim do caminho. É preciso passar do contragolpe inicial, do qual nasceu o desejo, ao empenho que ele implica. Sim, você percebeu um desejo, surpreende dentro de você uma urgência para a qual não pode responder. Se está insatisfeito quer dizer que algo lhe falta, que você não tem. Por isso, o que você não deseja não é seu, deve pedir, deve pedi-lo para que lhe seja dado. A natureza do homem é desejo e, por isso, ser homens, viver segundo a dimensão do nosso desejo quer dizer pedir. Pedir que o impossível se torne possível. A natureza do homem – na medida em que é incompleto, aberto a outro – é desejo e a sua expressão mais própria é o pedido.

O pedido é a nossa liberdade em ação. Nós não temos outra capacidade além da de mendigar; o desejar em ação é pedir. “Sem pedido o desejo é vago e a espera é confusão.”^v

O pedido, a oração, é a expressão mais pura do meu eu, da minha razão e afeição, do meu coração. É o gesto, o meu gesto em direção ao Mistério. “O teu desejo é a tua oração [...]. O apóstolo Paulo, de fato, não por acaso afirma: ‘Rezai incessantemente’ (1Ts 5,17). O que quer que seja que tu faças, se desejas a Deus, não pararás nunca de rezar. Se não queres parar de rezar, não cessa de desejar.”^{vi}

“Eu espero em Ti, ó Senhor.” É pedido para viver a verdade de nós mesmos. Desejo de depender de Ti: “seja feita a Tua vontade em mim”. Desejo de ser homens: “Vem em meu socorro. Ó Deus, vem em meu auxílio”^{vii}. Sustenta-me.

Se o seu desejo está diante do Destino, o Pai o responderá. É um Outro que toma a iniciativa, que virá ao seu encontro. É o Mistério que se torna familiar para você, que é incapaz de ser você mesmo, incapaz de sustentar a si mesmo com as suas forças, incapaz de viver como homem. É Cristo que assegura a consistência do seu eu.

“Pedir Cristo juntos: esta é a essência última da expressão da nossa vida. Pedir Cristo juntos [...] faz a vida se tornar enorme, o coração grande, sem comparação, é dá um cêntuplo aqui, dá uma doçura, uma ternura e uma percepção, um pressentimento de realização”^{viii} que vocês não podem imaginar. Esta é a decisão, a maior decisão da vida (“Não eu, mas Tu, ó Cristo”), que tem consequências imprevisíveis. Mas, esta aventura é somente para homens audazes, para homens que decidem estar vivos, para aqueles que desejam ser livres, para quem é capaz de se amar. Este é o desafio da nossa vida: a luta entre a afirmação de si com critério último da dinâmica do viver ou o pedido da Sua presença, misteriosa e penetrante, como fator constitutivo do meu ser. “Não mais eu, mas Tu, ó Cristo, vives em mim”. Não mais eu com os meus projetos, com as minhas mãos, o meu “a fazer”, mas “Tu, ó Cristo; eu Te peço, ó Cristo, que a Tua presença tome a iniciativa comigo”. Ele Se move em sua direção. Está aqui para responder ao seu pedido. O que você pode fazer é ser homem, isto é, mendigar Cristo.

No início, eu li esta citação de Gregório: “Nasci e me sinto dissolver. Como, durmo, repouso e caminho, fico doente e me curo, assaltam-me inúmeros desejos e tormentos, gozo do sol e do que frutifica da terra. Depois, eu morro e a carne se torna pó como a dos animais que não têm pecado. Mas, eu, o que tenho mais que eles [que os animais]? Nada, a não ser Deus. Se não fosse Teu, meu Cristo, seria uma criatura finita”^{ix}.

Peçamos a Nossa Senhora, mãe de Deus, que nos proteja, que nos desperte, que nos acompanhe na aventura da vida. Cantemos *Romaria*.

Romaria

PALESTRA, JOSÉ MEDINA*29 de março, sexta-feira, manhã**Hoy arriesgaré**Povera voce*

Gostaria de começar lendo para vocês uma citação de Dom Giussani que, no dia 30 de maio de 1998, na Praça São Pedro, disse aquilo que eu tentava lhes dizer ontem à noite: “A liberdade do homem, sempre implicada pelo Mistério, tem como forma expressiva suprema a *oração*. Por isso, a liberdade se coloca, segundo toda a sua verdadeira natureza, como pedido de adesão ao Ser [...]. Este abraço último do Mistério, contra o qual o homem [...] não pode opor nada, não pode opor objeção: pode abandoná-lo, mas abandonando a si mesmo e ao próprio bem. [...] A existência se exprime, como último ideal, na *mendicância*. O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo”^x.

Há duas semanas, enquanto eu preparava estas palestras – eu já havia avançado bem, já havíamos até organizado o livrinho –, chegaram duas contribuições que derrubaram tudo; lembro-me muito bem, era uma sexta-feira de noite e eu estava na escola trabalhando para o Tríduo, quando disse a mim mesmo: “Não é possível, terminei, e além do mais esses aqui escreveram atrasados”; mas essas contribuições era tão potentes que eu me comovi, antes de tudo porque me fizeram entender uma vez mais que o acontecimento de Jesus Cristo não é algo do passado, mas algo contemporâneo, de forma que me descobri obrigado a ter que mudar tudo.

O ENCONTRO COM JESUS

Acontece agora, não é algo do passado e se você pensa um pouco a respeito, quantas vezes, depois de voltar das férias ou do Tríduo ou da caritativa, você ficava maravilhado com aquilo que havia acontecido, mudado por um encontro que investiu o seu eu, a ponto de não poder mais acordar de manhã se que fosse determinado por aquilo que havia acontecido. Um encontrou que gerou uma mudança inesperada, algo que você não projetou, que não construiu com a sua iniciativa. Uma de vocês escrevia: “Um dia, na aula de religião, entraram duas garotas totalmente desconhecidas, para propor para a turma a participação no *Donacibo*, uma oferta de alimentos para os necessitados. [...] As palavras daquelas garotas me faziam tremer [...], cada palavra me refletia, era como se elas me conhecessem desde sempre, e o fato mais curioso é que as pessoas que eu sempre tivera ao meu lado, não conseguiam preencher aquele vazio que estava começando a se completar. Com efeito, eu não me sentia satisfeita, de jeito nenhum, com coisa alguma: cada começo de semana eu esperava

ansiosamente pelo sábado à noite, e quando chegava àquele momento, eu estava infeliz, porque não conseguia encontrar nunca aquele algo que me pudesse maravilhar, que me pudesse satisfazer. Então, tomei a decisão de descobrir com que lógica elas poderiam descrever perfeitamente a minha vida até aquele dia, e fui à Casa Rossa, o lugar mencionado e frequentado por elas. [...] Posso chamar a isso de sorte, graça, destino, fato... não saberia. Sei apenas que graças àquela hora, àquelas garotas, ao *Donacibo*, comecei um caminho que me leva, aos poucos, a uma espera, a uma resposta, a uma contínua novidade”.

Eis a excepcionalidade: quando menos você esperava, encontra um homem, um amigo, uma amiga, que ao ouvi-lo falar, faz o coração saltar, e com um simples olhar lhe permite ser verdadeiramente homem.

Diante deste encontro, a pessoa se comove, é movida, como se tivesse sido tomada por uma força invisível que leva em direção a lugares nunca antes imaginados. Um encontro que se mostra poderoso e correspondente a uma urgência íntima e pessoal que é sua, a urgência de encontrar algo ou alguém que possa corresponder ao seu desejo. Talvez, no início, incompreensível, intelectualmente inalcançável, mas profundamente razoável, como se fosse aquele pedaço de mim que, mesmo não sendo conhecido, me faltava desde tempos imemoriais.

Simão, André e João fizeram a mesma experiência, uma experiência excepcional, quando encontraram Jesus. Eles, da mesma maneira que a nossa amiga, foram tomados pela pessoa de Jesus, maravilhados pelo fato de que Ele pudesse ler em seus corações os desejos que raramente eles compartilhavam com alguém. Diante d'Aquele Homem, ouvindo-O falar, percebiam como era tão excepcional – porque ninguém falava como Ele – e ao mesmo tempo natural.

A mesma dinâmica vivida por João e André continua a acontecer na história, hoje: uma humanidade – a minha, a sua – exausta por causa da sua fraqueza mortal, sedenta, é surpreendida por um encontro que lhe agarra e traz em si uma vida nova, preenche de energia a vida. Um olhar cheio de misericórdia que comove até os ossos e que, uma vez conhecido, muda o sentimento de si, até ao ponto que você não pode mais imaginar a vida sem Ele.

Escutemos *Lela*, uma canção muito bonita que descreve exatamente esta dinâmica na qual eu não posso entender, não posso entender a mim mesmo sem Ele. Leio duas linhas para vocês: “Não me deixes e tem compaixão de mim, sem ti não posso, não posso viver. Dá-me o respiro com as tuas palavras, dá-me calor com o teu coração, dá-me luz com o teu olhar, dá-me vida com o teu doce amor”.

O encontro com Jesus invadia a vida. O encontro com Ele transfigurou todos os aspectos do viver de André e de João: deixou marcas no relacionamento com os amigos, com a mulher. Jesus, hoje e ontem, não é objeto do pensamento, não é uma recordação ou uma ideia, mas é uma experiência real. Tanto mais real quanto mais mudança tenha introduzido em você. Escutem esta contribuição: “Fui às primeiras férias, onde me diverti [...], depois voltamos e, no momento em que desci do ônibus, experimentei uma felicidade como nunca antes havia experimentado! Era como se um fogo tivesse nascido, crescido no meu peito e que se propagava por todo o corpo. [...] Eu não conseguia ainda dar-lhe um nome, sabia apenas que havia durado muito, não era uma coisa passageira. [...] Então, eu entendi que esta felicidade não apenas era o centro do meu dia: ela era o que eu buscava porque me fazia sentir pleno, completo, me fazia viver as coisas que eu fazia cem vezes melhor. [...] Dei-me conta, porém, de que esta felicidade não era feita por mim, e se eu não sentia esta felicidade, depois de alguns dias, nascia no meu peito um desejo pungente, um fogo devorador, [...] comecei a redescobrir todas as coisas: dos relacionamentos na família às amizades, das matérias da escola aos lugares que eu percorria todos os dias. Aos poucos, me dei conta de que tomava as vidas nas mãos, tornando-me protagonista da minha vida! Nesses três anos tudo mudou, tanto é verdade que às palavras de Nicodemos – “um homem pode voltar ao seio materno e renascer?” – eu responderia “sim”: mudou o modo de estudar, de brincar, de viver o relacionamento com meu pai e com meus amigos, de cantar e, sobretudo, de viver o dia-a-dia, tendo um só objetivo: vê-Lo! De fato, agora, consigo dar um nome e um rosto àquela felicidade: Jesus! Isto é o que sinto como mais urgente”.

Assim como para Nicodemos, o velho fariseu chefe dos judeus, que ia até Jesus às escondidas para escutá-Lo falar, voltar para as coisas de todos os dias já não era possível, porque ele havia sido agarrado por aquele olhar que o assaltava continuamente e mudava o seu modo de viver, o modo de rezar, de estar na família, de estar com os amigos. Renascer... mas que loucura! Como é possível? Nicodemos, um fariseu que havia dedicado a sua vida ao serviço de Deus, quando escutou estas palavras sentiu toda a sua vida jogada para os ares. É como se Jesus lhe tivesse dito: “Olha, Nicodemos, não é o seu fazer, não são os seus sacrifícios, as suas leis, as suas regras... As coisas que você faz, em certo sentido, não produzem nada”. Depois de ter visto aquele Homem, depois de O ter escutado, depois de ter sido olhado assim, fixado e amado assim, Nicodemos não podia mais voltar para trás como se nada tivesse acontecido. Tudo foi revirado por aquele encontro. Nicodemos decidiu seguir a intuição de uma grande verdade, não se deteve. “Nascer de novo? Como faço para entrar no seio de minha mãe? Diga-me o que devo fazer, porque Suas palavras são tão poderosas que fazem o meu coração transbordar”^{xi}.

O encontro com Jesus introduz uma dinâmica nova, que nasce de um juízo novo: “O valor da realidade és Tu, ó Cristo”. Tu és a consistência de tudo. É uma dinâmica nova, um novo modo de

usar o tempo, de trabalhar, um novo modo de usar o tempo livre, um novo modo de se empenhar. Esta dinâmica não nasce da aplicação de novas regras, de um fazer. É uma dinâmica nova que nasce de um juízo novo: até agora eu pensava que a vida pudesse ser resumida a um fazer. Agora, presto contas com aquele encontro que me leva a um juízo novo: “Tu és”. É um movimento pessoal, no qual Cristo, não eu, é a medida das coisas.

Escutem esta carta que, por um pouco, me fez chorar: “Fui convidada por alguns companheiros de turma para o acampamento de verão, mas me dei conta, indo para lá, de que todas as manhãs havia as laudes e todos os dias havia missa – até há dois verões atrás, entrar numa igreja me irritava, eu me recusava mesmo – e fiquei com muita raiva deles. [...] Mas, o seu modo de estar juntos me fascinava, mas não entendê-lo me deixava furiosa. Parecia-me um absurdo que atribuíssem este seu modo de estarem juntos, de fazerem as coisas, a Deus, a Cristo. No início do ano escolar, continuei a ir aos encontros dos Liceus [Colegiais]. Se pensar bem, não sei por que continuei indo. Queria entender, talvez. Mas, limitava-se a um gritar contra todos, a dizer que haviam criado castelos de areia para si para não se sentirem sozinhos, para não terem medo. Dizia que eram loucos que se iludiam. Insultava-os. Mandava-os para aquele lugar. A um certo momento, comecei a fazer isso chorando. Gritava chorando. Não sei por que não me mandar para o inferno. E no entanto, a cada quinta-feira eu voltava ali, e estava em cada evento. Não conseguia me distanciar, pelo mesmo motivo pelo qual eu havia me aproximado desta companhia: porque não entendia como era possível a beleza que havia entre eles, eram verdadeiros, falavam da vida, falavam de mim. Eu estava confusa, com raiva e desejosa. Abandonei até mesmo as amigas com as quais eu havia crescido. Eu estava totalmente conquistada por aquele lugar. Havia me tomado de uma maneira incrível, havia me tomado inteira. *Tinha* que entender. Mas não entendia. Depois, desisti de resistir e comecei a ir à missa. Foi uma experiência incrível e absurda. Parecia-me tudo insensato, mas a cada vez me falava, falava para mim. Cada domingo havia uma frase, do evangelho ou do salmo ou de uma canção ou do sermão, que tomava os meus problemas, as minhas dúvidas, os meus medos e me mostrava um novo modo de enfrentá-los. Decidi participar do Tríduo com um desejo enorme de entender o que havia virado e revirado a minha vida. Eu estava aberta, ou desesperada, não saberia dizer. E acontece algo de muito semelhante àquilo que já me havia acontecido com a missa. O que era dito era para mim. [...] Milhares de pessoas e me parecia que se dirigisse somente para mim. [...] Dali em diante foi um sequência de experiências nas quais me parecia descobrir a grandeza, a beleza que havia mudado a minha vida. [...] Não sei se tem sentido, mas eu diria que a minha vida se torna Vida, digna de ser vivida, e a realidade algo que me havia sido dado e que era capa de me dar tanto”.

Nada do que aconteceu no mundo é tão excepcional assim, inimaginável, sem comparações, tão potente que nem mesmo as minhas ideias, os meus limites, os meus esquemas podem resistir à

atratividade que Ele gera. É preciso forçar-se, fechar os olhos, os ouvidos, ignorar tudo, para não se sentir desafiado por este gesto único do Ser em relação a mim. Porque nada pode desafiar tanto a razão e a liberdade do homem do que se encontrar (assim com esta nossa amiga) diante da ternura do Ser por si. Jesus entra na nossa fortaleza através do coração. Assalta o coração, que nunca havia experimentado antes algo assim desejado desde tempos imemoriais, que nunca havia sentido antes uma força assim capaz de reduzir a cinzas todos os meus esquemas. Ela continua: “Uma semana atrás, fui esquiar com meu tio por quatro dias. Esquiar é, para mim, a coisa mais bonita, e no entanto, depois de dois dias, decidi que a partir daquele dia não esquiaria mais. Eu estava com raiva do meu tio. Naquele dia, enquanto ele estava passeando, entrei numa igreja. Eu precisava de alguém que me dissesse o que fazer. Porque eu não sabia. Provavelmente acabaria falando com o vazio, mas tinha que tentar [você se lembram de que esta garota não acreditava em rezar na Igreja]. Começaram as vésperas e me aproximei para escutar melhor. Uma senhora me acenou pedindo que eu me aproximasse e me fez ler com ela as vésperas. Senti-me muito amada. Uma senhora que não me conhece, que interrompe as orações e me pede para me aproximar. À noite, rezei as completas e me lembro de cor da frase: ‘Salvai-nos, Senhor, quando velamos, guardai-nos também quando dormimos! Nossa mente vigie com o Cristo, nosso corpo repouse em Sua paz’. Senti-me livre. Repeti esta frase até dormir. Na manhã seguinte pedi de novo a senha do wifi do hotel e procurei na internet as laudes e tem uma frase do Cântico de Zacarias que eu acho que diz assim ‘salvou-nos dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam’; e com isso consegui enfrentar meu tio com um olhar novo. Ainda agora repito, a cada noite, aquelas palavras: ‘Salvai-nos, Senhor, quando velamos, guardai-nos também quando dormimos! Nossa mente vigie com o Cristo, nosso corpo repouse em Sua paz’. Pergunto-me como seja possível que eu, logo eu, tenha chegado a rezar”.

Um encontro maior do que todos os esquemas, do que todo o seu mal, do que toda a sua mesquinhez. Não há outra coisa mais interessante e mais potente do que isso. Esta liberdade não é uma capacidade nossa, mas uma afeição ao Ser, ao Mistério, a Jesus que nos agarrou. A nossa amiga já não pode prescindir de Jesus para viver, para respirar. Nada, nem mesmo a nossa fraqueza mortal, pode nos impedir de dizer: “Todo o nosso amor, o meu amor, a minha simpatia humana é para Ti, Cristo”, que o que temos de mais caro na nossa vida é Cristo.

E assim a vida se simplifica, no sentido que encontra um sentido, uma direção. Tudo o que faço tem uma direção. Trata-se de responder a Alguém que, repentinamente, me agarrou. Trata-se de responder em primeira pessoa a um chamado ou, para usar a palavra da Igreja, a uma “vocação”. Aquilo que, de algum modo, o tocou para que você sentisse que lhe “mordia”, com destino e com cotidianidade, com existência do viver. Eis o cristianismo hoje nos seus elementos originais: uma humanidade, como a sua e a minha, assim como é, que é olhada, preferida, agarrada pelo Ser; e que responde em primeira pessoa, afirmando esta Presença e pedindo: “Faça-se em mim segundo a

Vossa palavra”. Sim, faça-se! Desejo sem fim do meu eu, que é mendicância de Cristo, pedido de Cristo, porque uma vez que você O conheceu não pode mais prescindir dEle. Eu não posso ser eu, não posso ser eu sem Ti. A essência do meu ser, do meu instante, não é mais o meu fazer, mas o fato de que sou querido, amado, feito. Eu consisto em Ti. Eu sou Tu que me fazes.

Cantemos *O meu rosto*.

O meu rosto

A FLUTUAÇÃO

Muitos de vocês experimentaram este ser agarrados por Cristo, mudados até ao ponto de não se reconhecerem mais. E quando a pessoa intui o Fato cristão como verdadeiro, é preciso ainda a coragem de ouvi-lo uma vez mais como possível, ouvi-lo uma vez mais como possível hoje, não obstante o influxo da mentalidade dominante, da cultura prevalecente. Porque se não acontecer hoje, não me interessa. É exatamente sobre isto que temos mais dificuldade.

Frequentemente encontramos em nós um estranhamento contra nós mesmos, como se estivéssemos dobrados, enfraquecidos, temerosos, afetivamente sem energia. O problema não é a falta de razões adequadas, mas é uma divisão entre a razão e a afetividade, entre a razão e a vontade. Uma divisão entre a energia de adesão ao ser e a razão como descoberta do ser. Um medo de aderir, de se deixar agarrar, estranha, porque é estranha em nós, à nossa natureza, é contraditória com a nossa natureza.

Escutem esta carta: “Ultimamente me dei conta de que a minha vida é uma enorme contradição, é uma contínua gangorra de momentos nos quais O vejo e me comovo e, juro, choro de alegria, com uma criança! Nesses momentos, eu poderia conquistar o mundo, estou livre, feliz e mesmo as pessoas ao meu redor se dão conta. O problema é que um dia, uma hora, um minuto depois tudo volta à estaca zero: depois da alegria de tê-Lo reconhecido ao meu lado, basta um nada para que eu caia outra vez no escuro e recomece a fazer um mar de besteiras. Sinto-me um pouco com São Mateus no quadro de Caravaggio: Cristo está chamando, justamente a ele, com aquele olhar intensíssimo que é a única coisa no mundo que o pode salvar e tirar da sua condição de pecador; e no entanto a mão direita de Mateus ainda está presa ao dinheiro, à sua miséria”.

Há um nível da nossa personalidade que é animado por uma intenção séria mesmo de pertencer, e ao mesmo tempo existe um outro nível, o mais decisivo, pelo qual a solução do problema da felicidade é buscada por você em outro lugar, no relacionamento afetivo ou no estudo. È este nível que, em última instância, dita o sentimento diário que você tem por você mesmo: o modo com o qual você deseja a garota ou o rapaz, o modo de pensar no dinheiro, de modo que possa viajar ou esquiar, o modo com o qual você pensa no estudo, o fato de que queiramos ser populares ou admirados. Estas são as coisas que todos temos na cabeça e que se tornam os fatores constitutivos do sentimento diário de todos nós: a fama, o poder. Na vida, este sentimento diário é mais forte do

que o sentimento que temos do fato de Cristo, e assim somos continuamente desviados, descarregados, confundidos. Este é o drama do homem moderno que não aceita se deixar agarrar, que não aceita o fato de que alguém possa querer o seu bem.

Lagerkvist descreve isso muito bem, em *Barrabás*, um romance que narra a história do grande bandido que, de repente (pensem nisso, por um instante), poucos dias depois de sua captura, se vê sendo libertado para que Jesus fosse condenado no seu lugar. Se vive, se continua a ser capaz de fazer do jeito que quer, Barrabás deve isso ao fato de que um outro tomou o seu lugar e morreu por ele; por isso, a sua vida se vê completamente ligada Àquele homem a quem havia conhecido no pátio do palácio de Pilatos. Diz: “Desde o primeiro momento em que O havia visto no pátio do Castelo, tinha sentido que, n'Aquele homem havia algo de incomum. O que fosse, não conseguia dizer; era algo que apenas se sentia. Parecia-lhe não ter nunca visto, até então, um homem como aquele”^{xii}.

O encontro, mesmo tão breve, o encontro com Aquele homem que havia tomado o seu lugar, o mudou, não o deixa indiferente. Antes, a sua lembrança o enche de curiosidade e Barrabás continua a viver determinado pelo fato de que “Ele morreu por mim”; tenta voltar à vida normal, mas a imagem d'Aquele homem continua a entrar na sua mente. Pensava no homem Jesus pendurado na cruz, em tudo o que havia acontecido antes e depois no monte do suplício. Talvez, como diziam, aquilo tudo não passasse de uma fantasia sua. Mas, quanto mais pensava, tanto mais ouvia falar d'Ele, não entendia como as coisas concordassem entre si. Ele estava consciente da extraordinária natureza d'Aquele homem, do poder que Ele tinha sobre os homens, um estranho poder. Barrabás havia visto a potência d'Aquele homem, o havia visto no testemunho de um escravo que havia suscitado nele uma estranhíssima atração. Este homem tinha uma liberdade que ele, Barrabás, não conseguia entender. Era “livre de tudo porque escravo de Um”. No fim, Barrabás, como acontece conosco, não se rende. Que a razão do meu viver seja um Tu, afirmar o outro como sentido de si, é o contrário daquilo que ele sempre havia buscado: a afirmação de si como medida última de toda a realidade, de todo o seu projeto. E é exatamente aqui que a dúvida entra: eu não consigo me render, não quer ser agarrado.

Lagerkvist escreve: “Mas, você entende que isso não é possível?”, diz Barrabás. E o escravo: “Já disse que isso poderia mesmo não ser verdadeiro. E de bom grado lhe repito uma vez mais, se você quiser”. Continuou Barrabás: “O filho de Deus? Mas está claro que não era! Você acredita que o filho de Deus tenha descido sobre a terra? E que se tenha colocado a rodar pregando na sua cidade?”. Vocês veem como a dúvida se infiltra? O escravo responde: “Oh... E por que não? Poderia também ser. Tanto ali como em qualquer outro lugar. Tudo bem que seja uma cidadezinha pequena, mas Ele tinha que começar de algum lugar!”^{xiii}.

Na nossa vida diária este mesmo drama se joga. O problema não é a falta de razões, o problema não é que não tenha acontecido, que não aconteça; as razões adequadas, a experiência que você tem, mas a divisão entre a razão e a afetividade, entre a razão e a vontade, manifesta-se como medo de afirmar e de aderir ao ser. O nosso comportamento, a nossa mentalidade são determinados não por aquilo que moveu o nosso coração, mas por outros interesses, interesses derivados da mentalidade comum. E assim levantamos as defesas e mentimos dizendo: “Sou muito inteligente para pensar”, lembram-se de Hélicon? E o entanto é o passo radical, o que nos permite passar do “talvez”, da dúvida, para o “certo”: o deixar-nos agarrar por aquilo que veio ao nosso encontro.

Cantemos *La guerra*.

La guerra

Nós, assim como Barrabás, num certo ponto nos encontramos enrolados, confusos, flutuantes diante do fato que aconteceu. E não é por uma ausência de razões. É saraivada de “mas”, “se”, “porém”, “talvez” que faz frente à retirada do empenho pessoa com o Mistério. É algo de muito concreto. Um homem, por exemplo, que namora há sete anos uma garota e não se decide, não porque seja malvado, mas não se decide porque continuamente diz “e depois...”; “e se...”; “e mas...”; “e como faço para estar seguro...”. É um hiato, um abismo, uma vertigem, um vazio entre a intuição do verdadeiro dada pela razão – “é verdadeiro, aconteceu, fui mudado” – e a afetividade – “e... mas talvez eu o tenha imaginado”; “e, mas isto não vai durar”; “talvez não seja possível”. É uma dissociação entre a razão, como percepção do ser, e a vontade, que é a energia da adesão. “Acontece a mesma coisa quando as pessoas dizem: ‘você tem razão, mas não estou convencido’. [...] Uma pessoa vê as razões, mas não se move. Não se move, quer dizer, falta-lhe a energia de [...] adesão intelectual à verdade que as razões fazem entrever.”^{xiv} Mesmo estando de frente para as razões, diante do fato, é como se não fosse capaz de se mover, é como se estivesse bloqueado, como se faltasse um suplemento de energia de liberdade, porque a liberdade é a capacidade de adesão ao ser. Escutem esta carta: “Estes meses de escola foram um período muito intenso. Diversas situações foram colocadas diante de mim: a minha saúde, o estudo árduo em vista do exame do final do Liceu, a morte de um companheiro meu e as dificuldades que tenho com alguns amigos e com meu namorado. [...] Aprendi que diante de todas estas coisas nunca devo deixar prevalecer o cansaço e a dificuldade. Experimentei que estando diante das coisas com uma pergunta verdadeira, aberta, sobretudo, Cristo me responde, e quanto mais eu pergunto, mas obtenho uma resposta. E é exatamente a Sua resposta que me basta. [Claro, límpido! É um resumo de ontem à noite. “Entendi. Diante das circunstâncias aprendi: nunca devo deixar prevalecer o cansaço, a dificuldade. Entendi que devo perguntar”, mas...] Cada dia, porém, me parece uma luta. É como se, a cada manhã, eu tivesse que escolher de novo entre estar presente àquilo que me é colocado diante, tendo presente a minha

pergunta, ou então não dar muito peso às minhas questões, que frequentemente trazem apenas cansaço. [...] Então, queria lhe perguntar: por que o início do dia precisa ser dramático assim? Porque me ver diante desta escolha outra vez me parece como ter que recomeçar do zero. Se uma noite vou para a cama contente, talvez porque tenha entrevisto uma resposta, ela não basta para me fazer recomeçar no dia seguinte com a confiança de que também naquele dia posso encontrar aquele que me basta. É como se eu sempre partisse de uma desconfiança”. Podemos estar de acordo com aquilo que acabou de ser dito, ou melhor, nunca nem se dar conta de uma contradição e chegar ainda a dizer “é mesmo verdade”, porém, depois, no dia-a-dia, é como se não confiássemos. Ou seja: como se, continuando na vida, durante o dia, o cansaço e a fraqueza nos prendessem e colocassem em dúvida aquilo que, no princípio, era claro. As razões são claras, é verdade, límpido, a memória poderosa: “o que eu vi como justo, não pode ser colocado em dúvida agora, porque não tenho a razão para colocá-lo em dúvida!”, porém não me deixar agarrar, não confio. O meu estado de ânimo, o cansaço, a dificuldade prevalecem.

Cantemos *Il Monologo di Giuda*.

Il Monologo di Giuda

A SIMPATIA PROFUNDA

Ele vem ao nosso encontro e gera uma afeição em nós, mendiga o nosso coração, quer nos agarrar, mas temos medo, medo de ser agarrados e amados. Mas não podemos parar aqui. É preciso que não sejamos cúmplices da fraqueza que nos arrasta para a morte, para o nada. É preciso recomeçar do contragolpe daquele encontro. Não se recomeça do zero, se recomeça da afeição que o abraço de Cristo gerou em mim, aquela afeição que me fez dizer “eu sou Tu que me fazes”. Do contrário, teremos que começar sempre com um esforço de vontade, e cedo ou tarde o cansaço predominará. Calígula tinha que começar do zero porque não havia sido agarrado por Cristo. Por isso, só conseguia comunicar a sua sede insatisfeita. Nós, não. Não se começa do zero, começa-se pela simpatia profunda que Cristo fez nascer em você, da mesma forma que em Pedro. Uma afeição profunda, como a que Simão tinha por Aquele homem. Imaginem o sentimento de Pedro quando era olhado por Aquele homem, naquela manhã, na praia. Estavam todos em círculo, sentados para comer. Jesus estava com eles, tinha acabado de ressuscitar. Ninguém fala, todos calados. No silêncio quase total que pesa na praia, Jesus olha para Pedro, e Pedro sente – porque se recorda –, olhando para Ele, sente o peso de todas as suas misérias, de todas as suas traições, da sua inadequação, da sua incapacidade. E Jesus simplesmente lhe diz: “Mas, tu me amas?”. Jesus não pede uma explicação, não pede uma análise da situação, nem mesmo uma promessa de fazer melhor. Ele simplesmente diz: “Simão, tu me amas?”. Então, Pedro, em voz baixa, quase tremendo,

responde: “Eu não sei como, eu Te amo; não sei como, mas é assim”^{xv}. Pedro treme porque sabe que a verdade de suas palavras, a dignidade da sua afirmação não deriva, de fato, da sua capacidade, não deriva da sua vontade, mas do reconhecimento límpido do que lhe é mais caro. “Eu Te amo. Toda a minha afeição é para Ti. Eu, sem Ti, sou nada, sou criatura finita. Amanhã, trairei. Em outro dia ainda, serei mesquinho, incapaz. Sou incapaz do bem, cansado, mas eu, a minha afeição é para Ti”. Esta afeição profunda, esta simpatia por Ti prevalece sobre tudo: os meus esquemas, os meus cansaços, os meus pecados. Porque o Tu revela a coisa mais profunda e verdadeira do meu eu: sem Ti eu não sou, e se não Te amasse não poderia mais acreditar nem mesmo em meus olhos.

Cantemos *Lasciati Fare*.

Lasciati fare

IDENTIFICAR-SE COM UM TU

Esta simpatia profunda, este afeto por Cristo que nasce do encontro com Ele, não de algo que eu gero, mas que encontro dentro de mim – “Tu és a coisa mais querida que eu tenho” –, no tempo se torna identificação: “O meu eu és Tu”. “Identificado” quer dizer que me tornei um só com Cristo e, como consequência, a origem do meu agir está radicado no meu apego a Jesus.

Leio para vocês a outra carta que “revirou” a minha semana: “Tudo nasceu de um inveja, uma inveja boa que tinha de meus responsáveis [as coisas mais verdadeiras na vida nascem sempre de uma inveja: aquelas pessoas ali têm algo que me interessa]. Olhando-os viver, como se moviam na realidade, com que amor olhavam a vida, comecei a desejar o mesmo para mim, que eu também vivesse assim [...], e vi que um dos instrumentos fundamentais que eles usavam era a Escola de Comunidade, era um trabalho pessoa sobre eles, sobre a sua vida e sobre o seu relacionamento com o Mistério. Então, comecei também eu a levar a sério este trabalho, este instrumento. [...] [O seguimento nasce exatamente da adesão a este bem que vi, que entrevi]. Lendo uma outra vez a Escola de Comunidade, li que eu sou o primeiro lugar onde acontece o Mistério. Eu? Pobre como sou? Com todos os limites que tenho? Mas como é possível? Comecei a pedir a Cristo para ter uma consciência assim, porque, no dia a dia, eu desejo reconhecer Cristo em cada respiro, portanto espero Cristo, mas não passivamente, esperando um milagre, mas implicando-me todo em tudo, por exemplo no estágio, no estudo, até mesmo nas mais pequenas coisas, e isto solicita trabalho duro, mas é fantástico viver assim. Mas, basta pouco para que este meu desejo esvaneça, se reduza e se apague. Por exemplo, uma amiga minha havia desaparecido: haviam se passado três dias sem que se soubesse onde estava, e eu estava sufocando nesta circunstância e havia me fechado em mim mesmo [...]. Recebo um telefonema do Anto [...] e me dei conta de que não estou sozinho, mas que há uma companhia que me sustenta e me acompanha, e me ajuda, mas isto não basta se faltar um trabalho pessoal, e um relacionamento com o Mistério. Lendo a Escola de Comunidade voltou à

minha memória a frase ‘Deus não permite nada na nossa vida se não for para a nossa maturidade’. Portanto, agora, de verdade, a Escola de Comunidade é questão de vida ou de morte, porque não muda as circunstâncias, mas me dá uma possibilidade de vivê-las com um olhar diferente, como uma oportunidade para mim”.

Cristo convive conosco através daquele pessoa que encontrou você e da amizade que gerou, através de uma companhia. Não algo do passado, mas algo presente hoje e sempre. A pertença a Jesus coincide sempre com a pertença à realidade humana na qual Ele se torna presente. Aquela pessoa, aqueles amigos aos quais você está ligado, agarrado por uma simpatia profunda, são literalmente, fisicamente, Jesus presente, próximo de você, presença humana impossível de ser pensada, impossível de ser imaginada. Basta seguir, com simplicidade, decidir por esta simpatia profunda que Ele desperta. Decidir por Ele gera uma capacidade de inteligência nova, uma capacidade de afetividade diversa, e portanto uma fecundidade diversa. Este amigo continua: “O último exemplo que queria contar aconteceu há pouco tempo: tinha uns garotos no oratório que se comportavam como palhaços, e fui chamar a sua atenção, mas o meu objetivo era colocar as mãos neles e fazê-los ver que eu era mais forte, mas enquanto eu estava ali, vieram-me à mente os sinais mais claros de Cristo: os meus amigos, a minha namorada, a minha escola [repite para vocês: “Vieram-me à mente os sinais mais claros de Cristo: os meus amigos, a minha namorada, a minha escola”], e disse então para mim mesmo: ‘Mas, valerá a pena de verdade?’; e fui embora, mas nem isso bastava, porque eu não me sentia bem... vieram-me à mente as palavras de Carrón que diz: ‘ao fim do dia, o que fiz com o carisma que encontrei?’. Então, voltei até lá e comecei a falar com eles e, a um certo ponto, falei a eles sobre mim, sobre como a vida era um nojo e sobre como estava começando a mudar, dizendo a eles quem eu era e quem me havia salvado a vida até aquele ponto, e lhes propus que viessem ao encontro dos Liceais [colegiais] [...]. Ali, naquele momento, Cristo venceu, meu coração venceu. [...] Comovo-me, porque, não obstante a minha humanidade, os meus limites, o meu caráter, e todas as vezes em que erro em tudo, mesmo nisso que poderia ser uma falta de sorte, revelou-se uma grande oportunidade para o meu relacionamento com o Mistério, porque estou descobrindo o valor e a beleza da confissão, e me comove porque tenho um lugar, um rosto a partir do qual voltar e recomeçar”.

Não se recomeça do zero, se recomeça de um lugar, de um rosto, de uma simpatia profunda, de uma afeição que lhe tomou. A ação do nosso amigo não parte de uma preocupação ética de “se mostrar bacana”, ou de um discurso intelectual ou de um remorso a ser evitado, mas da afirmação de um outro: os amigos, a namorada, a escola. Cristo, eu Te amo. Quando São Pedro dizia “Sim, Senhor, fiz tanta coisa errada, mas Tu sabes: eu Te amo”, afirmava com estas palavras que Jesus era o significado de si mesmo; afirmava que Jesus era tudo, não por causa dos prazeres que lhe causava,

mas por aquele misterioso apego pelo qual, na medida em que o tempo avançava, se tornava sempre mais evidente, mais certo de que Cristo era tudo.

Nós, comumente, imaginamos que o agir moral seja um esforço para aderir à verdade cada vez mais: “Quanto mais entendo, melhor ajo”, até ao ponto em que você se sinta todo cheio de verdade e, então, se sinta capaz de dizer “sou muito bacana”. Ao invés, é exatamente o contrário: no princípio, você está cheio, recebeu uma grande graça que revirou a sua vida, que a modificou. O nosso agir é identificação com Cristo: “Não eu, mas Tu vives em mim”. Se não é assim, se não se parte deste *Fato* já recebido no princípio, as nossas tentativas serão o resultado da nossa força, da nossa vontade, mas não dom de uma força maior, de uma graça recebida.

Não se parte de um esforço ético nosso, ativista, para depois chegar ao “sim, Te amo”! É o contrário. É do “sim” de Pedro, é do “sim” do nosso amigo que nasce a tentativa de coerência moral na ação individual. O nosso agir moral não é “aplicar” o verdadeiro, mas é o resultado de alguém que, encontrando o verdadeiro, é tão forma agarrado por ele, de tal forma preso, que tudo o que faz, tudo o que pensa, é uma tentativa de se identificar com Cristo, que cada ação é plasmada pela memória d'Aquele Homem.

“Memória” é algo de presente que me provoca e me muda, me abre para o futuro. Memória é reconhecer Cristo presente. A memória é o impor-se amoroso desta Presença que corresponde ao coração, que plasma todas as ações: do relacionamento com a namorada ao comer, ao estudar. São Paulo diz: “Seja que vocês comam, ou que vocês bebam; seja que durmam, ou vigiem; seja que vivam, ou que morram”^{xvi}. A memória de Cristo, a consciência de que Cristo está presente plasma todas as minhas ações; tudo: o estudo, o relacionamento com os amigos, a namorada, o namorado, a escola, o trabalho. E assim todas as minhas ações, todos os relacionamentos se tornam “oferta” a este Homem, por este Homem!

Assim, meu amigo, você entende que a sua grandeza de homem, a utilidade do seu gesto, não está no êxito que você pode imaginar imediatamente, que não há coisa maior do que viver as circunstâncias, do que viver a energia e o cansaço de me dedicar àquela página do livro por um Outro: a vida se torna oferta, isto é, “reconhece que aquilo de que é feita a realidade é Cristo”^{xvii}. Tudo da vida, tudo, até o gesto mais simples ou o gesto mais escondido para que ninguém o veja, tudo se torna afirmação de um Outro. Vivo na fé em Ti, ó Cristo, que me deste tudo – tudo! – para mim. De forma que não há mais nada que fique de fora deste relacionamento com Ele, não há mais nada que não seja abraçado, não há mais nada que não se torne oferta no relacionamento reconhecido conTigo. Esta é a glória humana de Cristo; é o cêntuplo prometido aqui, porque agarrados por Ele, a vida, a aventura da vida, se torna potente; o estudar, o modo de olhar para o amigo ou para o namorado, a namorada, o modo de suportar a si mesmo, o modo de pensar nas próprias culpas: tudo se torna novo.

Aceitar ser agarrados por Cristo. É disso que deriva uma capacidade de fecundidade da qual ninguém é capaz, mas que todos desejamos: capacidade de comunicação da própria natureza, da própria riqueza, da própria inteligência, do próprio coração, do próprio tempo. É uma fecundidade no estudo, uma paixão pelo trabalho que não é por ganho ou por gosto, não é pelo êxito. É uma fecundidade que é amor, é decisão a dar aquilo que sou, a dar tudo de mim a Ele.

Se você quer amar de verdade, se quer gozar a vida, o estudo, o trabalho, os amigos, deverá decidir por Ele. Peça Cristo, adira, deixe-se agarrar por Ele, por aquele amor infinito e terno que entrou na sua vida embaralhando todos os seus esquemas, os seus projetos, os cansaços, os limites. Se este “sim, eu Te amo” é favorecido, a vida se torna uma coisa espetacular e você se torna capaz de gerar grandes coisas.

Terminemos cantando *L'iniziativa*.

L'iniziativa

Vivam sem medo, em silêncio, estes dias. Fico tremendamente impressionado, e eu entendi isso na semana passada, quando fui visitar um amigo: no elevador havia música. Pensei: mas não tem um ponto sequer nesse mundo no que haja silêncio? Por que temos medo do silêncio? Porque, no silêncio, o coração pode ser escutado, o coração sente o impacto e lhe vem a vontade de pensar. Pensem em Hélicon: “Sou muito inteligente para pensar a respeito”. Portanto, o silêncio: não precisa fazer nada, basta ficar em silêncio e você sentirá a sua humanidade. Mas não é apenas ficar em silêncio, mas também ser essenciais com as palavras. Há momentos durante esses dias nos quais somos convidados a fazer silêncio, mas em outros momentos sejam essenciais com as palavras, não digam algo que não é preciso dizer; vivam profundamente presentes. Haverá momentos (depois das refeições, no ônibus, antes da assembleia) nos quais vocês deverão fazer um trabalho pessoal, porque, como dizia o nosso amigo, se não há trabalho pessoal, não há nada!

ASSEMBLEIA, JOSÉ MEDINA

30 de março, sábado de manhã

Il nostro cuore

Ma non avere paura

Alberto Bonfanti: Chegaram muitas perguntas, demonstrando que aquilo que vivemos nestes dias atingiu nosso coração. Escolhemos algumas que nos parecem mais significativas, que englobam as temáticas mais gerais. Vamos abrir a Assembleia lendo a saudação que padre Julián Carrón nos enviou:

“Queridos amigos,

quantas vezes penso em vocês emaranhados nas mudanças de estado de ânimo, travados nas suas reações; invade-me uma infinita ternura por cada um de vocês e me pergunto: quem sabe como cada um vai se livrar disso sem acabar na confusão, entregando os pontos?

Encoraja-me pensar em vocês maravilhados quando descobrem emergir em vocês, uma vez após outra – no meio de todas as mudanças de humor que ninguém consegue evitar –, o desejo de felicidade, daquele ímpeto de realização, que não lhes dá trégua, rumo a um horizonte ilimitado, para além de toda e qualquer aparência. Tudo muda, menos isso. Que vitória sobre a confusão que ninguém, nem mesmo nós, pode impedir!

E penso: se fossem leais com aquele desejo, com aquele ímpeto, com o “pensamento dominante” de Leopardi, “terrível, mas querido dom do céu”: “como torre em campo solitário, somente Tu estás, gigante, em meio a” todas as oscilações; nenhuma confusão o deterá.

‘Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a si mesmo?’. Que paixão por cada um de nós transborda dessas palavras de Jesus!

Desejo que vocês jamais fiquem presos na aparência das coisas e que acolham incansavelmente aquele ímpeto sem trégua que é o maior aliado de vocês na aventura da vida.

Cristo se fez homem, morreu e ressuscitou para permanecer na história junto a nós e para sustentar esse nosso aliado.

Cúmplice do coração de vocês,.

Julián”^{xviii}.

José Medina: Bom dia!

Intervenção: *Na Via Sacra senti um medo quando falamos de Judas e cantamos Il Monologo di Giuda que diz: “O Seu reino não vinha, eu já tinha dado tudo a Ele e Ele me traía”. Sinto que há*

algo de outro fora de mim. Eu o vi, reconheci Cristo e quero segui-lo. Não tenho medo de que Jesus me traia, porém se Judas, que olhou em seus olhos, deixou tudo, o seguiu e no fim cometeu um erro tão grande, o traiu, eu, que não olhei para Ele em carne e osso, como Judas, tenho medo de tê-Lo na minha frente e não conseguir vê-Lo.

Medina: E antes do medo, que experiência você fez?

Intervenção: *Sentia que devia haver alguma outra coisa. Sozinho não conseguia fazer nada. Houve dias em que eu não sabia o que fazer. Dizia: deve haver algo fora daquilo que sou.*

Medina: Pense um pouco nisso: você já teve medo de perder seu celular?

Intervenção: *Sim.*

Medina: Por quê?

Intervenção: *Porque é importante pra mim.*

Medina: Ah, é importante? Você não é bobo, então tem medo de perder algo que lhe interessa. O ponto de partida é que você se interessa por alguma coisa. Então, antes de entrar na questão do medo, vamos tentar entender o que é importante para você. Não pense teoricamente. Esse pensamento do medo lhe veio na Via Sacra, eu também fiquei marcado com aquela segunda estação. Esse medo lhe faz entender que há algo com que você se importa. Tente voltar atrás um instante: com o quê você se preocupava, que tinha medo de perder?

Intervenção: *A minha fé. Tinha medo de perder aquilo que pensava ter encontrado. A fé em Cristo.*

Medina: Muito bem. E o que isso quer dizer para você?

Intervenção: *O que me sustenta é isso. Quando estou mal ou estou em crise, eu rezo e, portanto, se perder isso, então não sei mais o que fazer.*

Medina: Você experimentou em você algo que é importante. Eu tenho medo de perder somente as coisas que são importantes para mim. Entende que quando nós falamos do coração do homem, falamos exatamente disso? Você, diante de algo que aconteceu, sentiu algo que correspondia. Correspondia tanto que tem medo de perder, tem medo de se perder. Então, o ponto de partida é o contragolpe. Se você pensa só no medo, então fica sempre angustiado e se bloqueia, mas o medo parte exatamente deste fato: que algo correspondeu ao meu coração. Então, quando sente que algo corresponde ao seu coração, o que você faz?

Intervenção: *Fico contente.*

Medina: Se você está com amigos, e estando com os amigos está mesmo contente... a primeira coisa que me vem, olhando para vocês e estando aqui estes dias, é: é realmente verdade, é realmente bonito estar aqui. Eu pessoalmente, fico com vontade de estar com vocês. Tenho vontade realmente de estar com vocês. Há uma passagem no Evangelho: a transfiguração. Jesus vai ao monte com os três discípulos, e Pedro diz: “Mestre, é bom estarmos aqui. Podemos levantar três tendas e ficar”^{xix}. Quer dizer: diante de algo que corresponde, que me interessa, quero ficar com ela. Falamos da

afeição: estou apegado a tal ponto que quero ficar junto. Isso é muito importante. Voltando à pergunta que você fez, o fato de você ter medo significa que se importa com algo. É preciso olhar para aquilo que é importante para você, qual é o valor daquilo que lhe importa. Imediatamente – esse é o segundo aspecto –, diante desse fato com o qual quero estar, sinto minha finitude, minha incapacidade de ficar com ele. Como não é meu, é justo que eu não possa controlá-lo e não saiba como funciona, que eu me sinta pequeno e tenha medo de perdê-lo. E, imediatamente, você pede, realmente mendiga: alguém me proteja, alguém me ajude, porque não quero perder isso que me importa. O Senhor nos deu – digo isso como ponto de partida, assim você tem o ano e a vida para entendê-lo – uma comunhão para viver esta comunidade. É exatamente a amizade que há na comunhão, na comunidade, que me apoia e me sustenta quando esse medo aparece. O Senhor nos deu a comunidade para isso, não a deu para nos substituir, mas para nos sustentar.

Intervenção: *O senhor disse que frequentemente a pessoa vê a razoabilidade das propostas que lhe são feitas, mas que por causa de uma inércia, uma preguiça, não consegue aderir ou, de qualquer modo, não se deixa tomar por essa coisa. Eu me vi muito nisso, porque me fizeram propostas e, mesmo vendo que eram bonitas, boas, não consegui dizer sim e participar delas. Então, a minha pergunta é: por que não consigo fazê-lo, mesmo vendo que é uma coisa boa para mim? Há como que um render-me a mim mesmo. Penso que, mais que tudo, seja por preguiça, por um desconforto que sinto, como se dissesse: isso não vai mudar nada. Eu participei de algumas experiências e o resultado foi bonito e grande: por que, então, aquelas são boas e outras, não? Não consigo entender muito bem.*

Medina: Você nunca fez apostas?

Intervenção: *Já, joguei pôquer. Pego as cartas... e tento todas as estratégias para aproveitá-las da melhor forma possível. Observo quais cartas aparecem na mesa e vejo se consigo vencer aquela rodada.*

Medina: E por que quer vencê-la?

Intervenção: Para ganhar dinheiro.

Medina: E para ganhar dinheiro, o que você deve fazer?

Intervenção: *Apostar.*

Medina: Você quer uma coisa, precisa apostar algo de si. Você vê alguma coisa na sua frente, precisa se arriscar para vencer. Certo? Então, a partir disso, entendemos duas coisas. Se há pouco dinheiro em jogo, você aposta muito?

Intervenção: *Não, porque não precisa.*

Medina: Então, o primeiro ponto é que alguém, para apostar, precisa ter diante de si um bem grande. Quanto maior você vê que ele é, mais aposta, mais arrisca. Por que a razão, a origem do

meu risco, antes tudo, é exatamente o reconhecimento de um bem grande para a vida, reconheço um bem grande diante de mim e devo apostar algo.

Se tenho quatro cartas, quatro reis – uma boa mão de cartas! Eu também sei jogar pôquer –, e há dez mil dólares sobre a mesa, eu quero aquele dinheiro, desejo pegá-lo, mas não jogo, então o que você me diria?

Intervenção: *Que é bobo.*

Medina: Não é preguiça, caro, é bobeira, entendeu? Não é preguiça, porque se você reconhece o seu bem, e está lá, é atraente, e você sentiu essa atração, se está agarrado àquele dinheiro, é absolutamente natural que você aposte. Então, por que você acha que não aposta?

Intervenção: *Por uma estupidez. Mas, então, por que não me dou conta do prato que está na minha frente? Porque não consigo vê-lo.*

Medina: Não me dou conta daquilo que tenho diante de mim. Paremos aqui, Riccardo. Se você não percebe realmente aquilo que tem diante de si, podemos dizer que o problema é cognitivo? Se você não se dá conta daquilo que tem na sua frente é porque não conheceu. E não conheceu por uma razão muito simples: ou porque está distraído e não viu, ou porque, olhando, está tão preso aos seus esquemas que não consegue ver aquilo que está na sua frente, é obtuso.

Você vê dez mil dólares e diz: “Quantas coisas poderia fazer com esse dinheiro, poderia comprar uma moto e ir jogar futebol”, no entanto as rodadas vão passando. Por isso, então, é um problema cognitivo, que é um problema de razão (o que quer dizer: este bem é para mim, este bem é a coisa maior que eu posso ter, pelo qual aposto tudo), mas há também um problema de afeição: você precisa se empenhar, precisa estar no jogo, porque se não entra no jogo, a sua vez passa, passa e você não participa.

Intervenção: *Dou-me conta de que faço todas essas reflexões enquanto tenho essa coisa bonita diante de mim, pela qual sozinho não consigo me lançar. Por exemplo, uma vez me fizeram uma proposta. No início, titubeei, queria dizer não, depois um amigo meu me disse: “Experimente”, e então eu aceitei.*

Medina: E o que aconteceu?

Intervenção: *Foi bonito.*

Medina: Então, qual é o problema?

Intervenção: *Que preciso de amigos que estejam ao meu lado.*

Medina: É aquilo que eu disse a Emanuele antes: o Senhor nos deu a graça de ter pessoas que nos ajudam a estar na realidade. Olhe que aquilo que aprendemos juntos hoje é importante: é um problema cognitivo. Se eu me distraio, um amigo me diz: “Você precisa jogar, concentre-se um instante”. Isso é importantíssimo: é um problema cognitivo, e a afeição tem ligação com o conhecimento. Se sua afeição não está envolvida, você não conhece. O coração é razão e afeição.

Você pode estar diante de um monte de dinheiro, dez mil dólares, e perceber que é um bem, é um bem pequeno, mas é um bem: então precisa entrar no jogo. Se ao invés de dez mil dólares o que está em jogo é a felicidade da vida, então a aposta aumenta. A pergunta, caro, é essa: se a felicidade está em jogo, quanto você aposta?

Intervenção: *Necessariamente tudo, se é a verdadeira felicidade.*

Medina: E como você sabe que é a verdadeira felicidade?

Intervenção: *Porque sinto isso em mim, porque vejo as consequências em mim.*

Medina: Por isso agora entende que quando o que está em jogo é a felicidade, a razão é importante, a correspondência é importante. Há, porém, um ponto sobre o qual gostaria de falar. Meu pai, a quem amo muito, conhece três piadas, há quarenta e quatro anos ouço as mesmas três piadas que ainda o fazem rir, ele as conta e ri como se fossem novas. Uma delas, que gosto muito, diz assim: dois comunistas se encontram e um deles diz: “Olha, se você tivesse uma grande casa na praia com muitos quartos e muitos banheiros, você a daria ao partido?”. O outro responde: “Eu a daria imediatamente, e diria: ‘Aqui está a casa’”. “E se você tivesse uma Mercedes, a daria?”. “Ah! Eu daria sim a Mercedes, com certeza”. “Olha, Pietro, e a moto que você tem, daria ao partido?” “Ah, não, espera aí, a moto é minha”. É esse o problema que precisamos enfrentar: há uma vertigem porque se eu quero um bem e a felicidade, preciso apostar tudo, preciso me arriscar. Você deve se arriscar inteiro. E, então, vem o medo. Por que você acha que temos medo?

Intervenção: *Temos medo de perder alguma coisa.*

Medina: De perder alguma coisa. Julián lembrava na saudação: “O que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a si mesmo?”^{xx}. É exatamente este o desafio, é nesse nível o desafio. Mas você, diante da felicidade da vida, apostaria tudo, todo o dinheiro, todas as coisas que pode imaginar para obtê-la? Este é o problema, de fato no Evangelho se diz que quando alguém encontrou uma pérola no campo, vai e vende tudo para comprar aquele campo.

A um certo ponto, quando você encontra a coisa mais preciosa, vende todo o resto para poder obtê-la. É exatamente este o ponto em que tudo entra em jogo. O Evangelho está cheio desses desafios. O Senhor diz ao jovem rico: “Vende tudo e vem comigo”, “Ah! A moto é minha!”. Agora, refaço uma pergunta: você me disse que o seu problema é preguiça. Continua achando que é isso?

Intervenção: *Agora que você me fez raciocinar melhor, eu digo que o problema é se estou disposto ou não a me arriscar inteiro nessa coisa.*

Medina: Então, você deve voltar a isso, porque pode ser um problema de conhecimento, pode ser que você seja preguiçoso (embora a preguiça não seja o maior problema que normalmente temos), ou pode ser um desafio de adesão. Então, como você resolve isso?

Intervenção: *Preciso tentar para ver se realmente é aquilo que eu procurava, preciso, antes de mais nada, seguir e fazer a experiência daquilo e, portanto, me lançar inteiro.*

Medina: O empenho, nesse sentido, é necessário. “Empenho” é uma palavra mais bonita do que “aposta”. Se você quer verificar, deve aceitar o desafio. Gostaria de acrescentar uma coisa. Voltemos ao pôquer: quando você tem a maior possibilidade de se distrair? Quando estão em jogo cinco euros ou dez mil? Quando são cinco euros, você fica tranquilo, não é? Quando são dez mil, você fica mais atento. Meu empenho, naturalmente, é despertado pelo bem. Se o bem é pequeno, então me empenho pouco, mas se eu reconheço a grandeza do bem, então me lanço. Quando reconhecemos o bem que está diante de nós como algo grande, essa coisa, esse acontecimento, esse evento atrai o meu ser, é uma atração. Isso não significa que eu deva fazer tudo sozinho, mas devo me arriscar inteiro. Quando reconheço algo grande na vida, importante, que pede tudo – porque se você quer algo deve jogar tudo –, então sou tomado, sou atraído por essa coisa. Na vida, somos chamados de muitas maneiras, mas o mais importante, o mais bonito é quando somos chamados a reconhecer a beleza que nos tocou. A moral, o agir moral nasce do reconhecimento de algo belo que está diante de mim. Por isso ontem à tarde, dizia: o problema se torna a memória, reconhecer Cristo presente.

***Intervenção:** Minha pergunta é sobre a dúvida, porque eu também passo por momentos bonitos, por dias bonitos em que tudo é mais verdadeiro, mais humano e tudo se enfeita (gosto de dizer assim) porque a vontade que tenho de fazer as coisas, também de vivê-las, se expande ao inacreditável. Depois, há os momentos de escuridão, até já passei noites em claro, e experimento uma angústia, porque a pessoa que me mostrou essa maneira mais bonita de viver foi embora, deixou essa companhia. Isso fez com que eu começasse a duvidar de tudo e fez com que eu me perguntasse: justo ele, que é o amigo que me convidou, foi embora dessa maneira? Porém, como sempre, depois de participar de experiências com os Colegiais, volto para casa satisfeito e feliz, mas a minha pergunta é: se depois dele, outros também se forem? Quando um terremoto é anunciado, eu tenho um medo: de ficar sozinho. Ficar sozinho no sentido de que as pessoas mais queridas, como esse amigo meu, não estejam na mesma companhia que eu. Já aconteceu e continua a acontecer, todos os dias alguém vai embora.*

Medina: E como você explica isso? Eu vou tentar responder e, se não consigo, paciência. Ontem, na segunda estação da Via Sacra, me veio este pensamento. No Evangelho, há um ponto em que Jesus envia os discípulos dois a dois para anunciarem, e eles voltam contentes porque também fizeram milagres, isto é, foi uma experiência realmente bonita, todos ficam entusiasmados, vão até Jesus e lhe contam todas essas coisas. E pensei: mas Judas estava lá! Judas foi com outro discípulo, fazer o anúncio. Judas realmente aceitou a proposta. Então, se ele topou – voltemos à primeira pergunta da Assembleia –, ele O viu, entendeu. Onde você acha que está a ruptura?

***Intervenção:** Ele viu, reconheceu e traiu.*

Medina: Viu, entendeu e reconheceu. E traiu. Exatamente o contrário. Foi uma mudança de direção. Onde está o dilema?

Intervenção: *Pelo visto não se importava com aquilo, mas não sei.*

Medina: Não, ele se importava realmente, se importava muito, deixou tudo, como todos os outros, e foi com Ele. Ele dizia: “Vão aos lugares sem mim”, e vem um arrepio. A meu ver, Judas, a um certo ponto, introduziu uma interpretação.

Intervenção: *Disse: “Não preciso disso”.*

Medina: Não, não disse: “Não preciso”, mas ao invés de olhar para Jesus, começou a interpretar Jesus. Sabe, é realmente um fio a diferença entre olhar e escutar alguém, inclusive a mim, e começar a interpretar. Qual você acha que é a diferença?

Intervenção: *Que quando alguém interpreta, faz de acordo com o seu modo, faz uma ideia própria, isto é, não olha mais a pessoa por aquilo que é, mas pelo que pensa que seja.*

Medina: Gosto do que você disse, no sentido de que, quando olho, estou empenhado em conhecer algo que reconheço como um bem, por isso fico curioso, por isso minha pergunta é em relação àquilo, eu peço que aquela coisa se faça conhecer, empenho-me tentando, aceito a proposta. Se pensar que o meu movimento, mesmo físico, é em direção àquela coisa, àquela pessoa, eu aceitei a proposta. Mas a interpretação – espero usar bem essa palavra – é: eu me afasto e então lhe explico do que se trata. Sabe a diferença que há entre alguém que gosta de futebol e vai ao estádio e alguém que dá uma de comentarista depois da partida? Como é possível que nunca se entendam? Estão vendo a mesma coisa, como não se entendem? Eu vou ao jogo apenas por um motivo: ver meu time vencer. Estou empenhado, realmente empenhado dentro daquela situação, mas quem faz as interpretações, você percebe isso, fica longe e diz: “Agora vou explicar o que aconteceu”. Coloca-se fora do evento. A um certo ponto, nós também, como Judas, temos a tentação – que é diferente do medo – de recuarmos e interpretar. Não estamos mais realmente interessados naquilo que está acontecendo, estamos interessados em nós mesmos colocarmos as coisas em ordem. Não é mais a realidade que me faz ver a ordem, não estou mais realmente interessado na realidade, mas lhe dou a explicação, eu coloco a ordem para você. A um certo ponto, a pessoa para de olhar Cristo por aquilo que é e começa a olhar Cristo, ou a companhia, ou a amizade por aquilo que ela pensa que deve ser. Acontece em tudo, também no relacionamento com um amigo, ou com a namorada, se você tem uma: para de olhá-la por aquilo que é e começa a olhá-la pelo que você interpreta que ela é. Isso é absurdo, porque o momento em que você para de olhar uma pessoa por aquilo que é e a olha por aquilo que você diz que ela é, a consequência natural desse modo de olhar é a violência. De fato, se eu tenho uma interpretação e algo na realidade contradiz a minha ideia, me irrita. Judas, a um certo ponto, se irrita com Jesus, porque “joga fora” o dinheiro de perfume precioso, mas o problema de Judas não era o dinheiro, o problema é que entrou nele essa interpretação: não olhava mais para

Jesus, mas para a ideia que tinha sobre Jesus. A um certo ponto, Jesus fez algo que não encaixava na ideia de Judas sobre Ele. E, então, o que Judas disse? “Podemos fazer coisas boas com o dinheiro, dar aos pobres, vamos fazer alguma coisa”.

A segunda coisa que queria dizer é essa. Disse a vocês que o protagonista da história (a frase é de Dom Giussani, como muitas das coisas que eu disse) é o mendicante, é Cristo que mendiga o coração do homem e o coração do homem que mendiga Cristo. Cristo que mendiga o homem: este é o mistério da liberdade, que é a coisa mais infinitamente grande que temos, a coisa que nos faz semelhantes a Deus. Liberdade não como escolha, mas liberdade como adesão. É a minha liberdade que se move em direção a algo e adere. Essa não é uma decisão que você tomou: você foi feito assim! Eu me lembro do meu professor de religião que, anos atrás, me dizia: “A diferença entre os anjos e os homens é que os anjos decidem uma vez e basta e os homens precisam decidir sempre. É por isso que os anjos invejam os homens”, invejam porque vivem esse aspecto divino de aderir sempre. Como é bonito, que ternura, que coragem: Aquele que nos criou, deu-nos essa liberdade. É por isso que é necessária. Nunca é uma questão de “se tivesse sido verdade ou não”, é que num certo momento na vida nós nos sobrepomos: interpretamos o fato, paramos de olhar. Então, precisamos ser sustentados, porque ninguém pode se substituir à sua liberdade, ninguém pode se substituir a você, assim como você não pode se substituir ao seu amigo.

Intervenção: *Fiquei tocado quando você disse que desejar é pedir e, portanto, se sentimos essa saudade, devemos pedir que aquilo que desejamos aconteça. Então, me veio essa pergunta: eu peço, peço, mas parece que as respostas não são suficientes. Por que me acontece isso?*

Medina: O que você pede?

Intervenção: *De ter tudo, praticamente: de ter um juízo diferente sobre a escola, os livros e o estudo, mais do que ver de modo diferente a mim, meus limites, os amigos, a namorada, a família, as pessoas.*

Medina: E nada, zero mesmo?

Intervenção: *Há alguns acenos de resposta...*

Medina: Mas, então, o seu pedido não é mais interessante! Você disse “nunca”.

Intervenção: *É realmente pouco.*

Medina: Você pede muito, mas chega pouco.

Intervenção: *Chega pouco. Intuições, mas não são suficientes.*

Medina: Por que não são suficientes?

Intervenção: *Não sei.*

Medina: O quê você pede?

Intervenção: *De ter um olhar diferente sobre as outras pessoas, o estudo, os professores, sobre tudo, de não olhar só aquilo que eu penso, de ter um olhar diferente, um juízo diferente.*

Medina: E por que você pede isso?

Intervenção: *Porque eu me encontro um pouco sufocado dentro deste meu olhar como eu quero que as coisas sejam.*

Medina: Mas, você nunca viu alguém que lhe interesse pela maneira como vive a vida?

Intervenção: *Sim. Você.*

Medina: Só eu?

Intervenção: *Não, também os meus pais, algumas pessoas impressionantes que encontrei.*

Medina: Mas você tem alguma inveja de alguém? Uma inveja saudável.

Intervenção: *Como você tem essa segurança de dizer certas coisas, de dizer as coisas que eu anotei, muitas vezes digo: sim, porém, para mim não é exatamente assim, e então, peço.*

Medina: Para você não é exatamente assim, o que quer dizer?

Intervenção: *Que você tem certezas fundadas ou que coloca seus limites de lado e faz o caminho que tem que fazer. Eu, ao contrário, muitas vezes olho mais os meus limites. Então, procuro colocá-los de lado e peço a Cristo para ser diferente.*

Medina: Por que razão pede a Cristo?

Intervenção: *Porque recebi essa educação: quando preciso de algo urgente, peço.*

Medina: Isso é bonito. Mas, você tem inveja de mim. Então, a quem deve pedir?

Intervenção: *Também para você.*

Medina: Com simplicidade, no sentido de que a pergunta não é algo que você cria. Desculpe se eu estiver errado, mas ouvindo você falar é como se a sua pergunta partisse de um vazio, de uma tristeza (“não gosto da minha vida”), de uma insatisfação, mas de uma insatisfação que parte do fato de que a vida é um pouco feia. Então, é uma pergunta um pouco desesperada, porque não parte de um acontecimento. O que me tocou bastante nos dois testemunhos que lemos ontem é que partem de uma inveja: “Eu quero ser como você”. Achei-os interessantes porque me lembraram exatamente como os discípulos se dirigiam a Jesus: “O que você está dizendo? Onde você mora?”, e as perguntas que faziam a ele: “É necessário pagar os impostos ou não?”. Perguntavam a Ele porque tinham inveja d’Ele, queriam entender como Ele via a vida, queriam identificar-se (essa palavra é belíssima) com Ele. Tinham o desejo de ser alguém como Ele, identificados, porque queriam entender como Ele vivia a vida. Por isso, a pergunta nasce desse contragolpe, desse “algo”, desse bem que lhe aconteceu e, então, o deseja, e se empenha, quer agarrá-lo, quer ser parte dele. E se você se importa realmente com isso, então a pergunta é ainda mais potente, você entra mais no jogo e, então, pede. Mas toda essa dinâmica não parte de um vazio e certamente não parte de algo que construí na minha cabeça.

Tenho certeza de que poderia até viver melhor em muitos aspectos, mas o que me interessa é algo tão bonito e atraente que eu me movo em sua direção.

Posso falar da minha experiência: vivendo desse modo, nunca percebi um momento em que a esse meu pedido, que é expressão do meu ser, do meu desejo, não tenha sido dada uma resposta, aliás, foi exatamente o oposto, foi respondido cem vezes mais do que eu podia imaginar. Eu diria: primeiro, precisamos entender bem, tornarmo-nos conscientes do que é o pedido. O pedido é o meu eu em ação, realmente o meu eu em ação. Se eu sou desejo, se eu desejo o bem, a felicidade e tenho consciência de que não a faço, não a dou a mim mesmo, quanto mais sou consciente disso – que me faz ser quem eu sou, que eu quero a felicidade e que eu sei que eu não a dou a mim –, mais é natural que o pedido aflore. Não no sentido de que eu o provoço ou o penso, mas no sentido de que é o meu eu em ação, isto é, que desejar é pedir.

Giovanni, eu ficaria atento apenas a uma coisa. Há perguntas importantes para nós: como amar as pessoas, como estudar melhor, mas muitas vezes essas perguntas não nos tomam, não nos importamos muito, no sentido de que se nos importássemos realmente, iríamos atrás delas. Em relação ao que não lhe interessa, eu diria: não pense tanto nisso, também com simplicidade. Falamos realmente de muitas coisas e para mim, pessoalmente, foram dois dias muito bonitos, mas eu me importo mais com as coisas que me comoveram. Há outras que, talvez, não entenda, e até gostaria de aprender alguma coisa: essas coisas me interessam até certo ponto. Mas vou atrás daquelas que me importam mais.

Faço um exemplo. Em janeiro, alguns adultos, através de videoconferência, nos encontramos para falar da preparação do Tríduo. Falamos durante uma hora sobre a nossa experiência e, num determinado momento, alguém fez um comentário dizendo que experimenta uma ternura... eu escrevi o que ele disse: “Essa ternura é muito bonita, mas me incomoda e muitas vezes tenho como um ímpeto de posse”. Como no início eu não entendi essa expressão, fiquei provocado. Nos últimos três meses, a minha pergunta, a minha vida, o meu desejo, partiram daí, a ponto de eu poder dizer que o Tríduo é a expressão do meu pedido, da minha experiência sobre esse ponto, que nasceu ali, isto é, quis entender: mas, por que nós traímos? Porque não conseguimos entender? Há três meses tenho essa pergunta sobre a relação entre razão e afeição. Eu ando pelos corredores da escola e tenho essa urgência dentro de mim, que me descreve. A pergunta é expressão do meu ser, sou eu em ação.

Intervenção: *Tenho um problema: diante das coisas fico sempre gritando, porque nada é suficiente para mim. O ponto é que não entendi bem a diferença entre esse grito, que tenho dentro de mim e o pedido do qual você está falando. Entendi que a diferença está no fato de que quando alguém pede, sabe a quem pedir. Eu, no momento em que grito, grito e basta. A minha pergunta é: onde acontece a passagem? Como alguém faz para chegar...*

Medina: O seu grito é expressão de quê?

Intervenção: *Diante das coisas, sinto que nada me basta. Tenho necessidade de entender o sentido profundo, isto é, onde está a verdade de tudo aquilo que vivo.*

Medina: Primeiro, diria: fique atento porque seu grito é desesperado. E por que é desesperado?

Intervenção: *Porque não sei a quem pedir.*

Medina: O seu grito desesperado parte de um vazio, mas você tem inveja de alguém?

Intervenção: *Do Gianni.*

Medina: Aí está! Por que você tem inveja do Gianni?

Intervenção: *Além das respostas que ele dá, por causa de seu modo de ser. Vejo que ele sempre vai contente para a escola. Há um fascínio, mas logo depois eu me pergunto: será que é realmente isso? Como você dizia antes, tendemos a interpretar. Vejo que ele vive assim, porém, depois eu digo: preciso dessa resposta clara e ela não chega.*

Medina: Já chegou, fique atenta, já chegou. Você inveja alguém, o modo como vive, porque é alegre, certo? Então você, que quer ser alegre, precisa perguntar a ele como faz: “Olha, como você faz? Como vive sua vida? Não quero ouvir frases bonitas, mas quero realmente entender como você faz”. A frase “eu sou Tu que me fazes”, pelo menos na minha experiência, é exatamente nesse nível.

Você diz: “Jesus, eu sou Tu que me fazes”. Olha que Jesus se encarnou, há a encarnação. “Encarnado” quer dizer que eu quero me tornar você porque eu estou presente, me importo com o bem que encontro em você, quero viver como você, e então fico atento e olho o que você faz. Nosso amigo dizia: “Vi que eles faziam Escola de Comunidade, então eu faço Escola de Comunidade”. Por quê? “Porque eles fazem Escola de Comunidade e eu quero ser como eles”. Então, o pedido que você tem, o pedido como expressão do seu ser que quer, que deseja a felicidade, encontrou um rosto e por isso há alguém a quem perguntar. Isso é claro. Agora vamos ao “porém”.

Intervenção: *Sempre me falta alguma coisa. Ele tem tanta fé, por exemplo.*

Medina: Os discípulos também tinham esse problema, sabe? Por isso, isso não me parece uma objeção. Então? Faça uma objeção, uma objeção com consciência!

Intervenção: *Há algo que não consigo entender até o fim, não consigo apreender...*

Medina: O que você acha que é isso que você não consegue apreender?

Intervenção: *Não sei, se eu soubesse, seria mais fácil.*

Medina: Mas, na sua opinião, Gianni vive uma coisa bonita?

Intervenção: *Sim.*

Medina: Você gostaria de ser como ele, de viver como ele?

Intervenção: *Sim, em certos aspectos, sim.*

Medina: Quais são os aspectos que não gostaria?

Intervenção: *Aquilo que eu dizia antes, às vezes ele é um pouco contente demais, muito!*

Medina: É muito contente! As pessoas muito contentes incomodam você. Por que lhe incomodam?

Intervenção: Não sei.

Medina: A sua dúvida nasceu há algum tempo e, no tempo, fica maior, invade a sua vida e se você não se esforçar para entrar dentro dela, comete um erro e sente aumentar a distância. Porque você disse, um instante antes de eu lhe interromper: é como se, a um certo ponto, você, olhando para Gianni, primeiro ficasse comovida com ele, mas depois começasse a colocar em primeiro lugar a sua interpretação e, quanto mais faz o jogo da interpretação, mais você se afasta e, diante da beleza, acaba sempre dizendo: “É, mas há essa outra coisa”. Um pouco como aconteceu com Judas, sabe? Jesus é fantástico, faz coisas belíssimas, porém não sabe gastar o dinheiro. E nos separamos.

Intervenção: Sim. Mas, antes, quando você deu o exemplo do jogo, imediatamente me veio uma objeção. Eu também tendo a querer encontrar a objetividade da coisa, como aquele comentarista.

Medina: Essa é a maior objeção que deriva do racionalismo moderno: que a objetividade dependa do fato de que alguém esteja fora da realidade, o que, a meu ver, é uma grande estupidez. Eu conheço muito bem a minha mãe e, acho que, de todos nós, eu sou quem a conhece melhor, porque a amo. Você não pode me dizer que alguém que chega de fora e estuda minha mãe “objetivamente” conhece-a melhor do que eu. É como se nós tivéssemos medo – e esse é o problema – de que o coração possa errar, isto é, que o coração, a minha razão, a minha inteligência, possam me levar a algo que não é verdadeiro, enquanto nós somos feitos para o verdadeiro. Por isso, é exatamente o coração, sem nenhuma educação prévia, que leva à verdade. De fato, a inteligência na vida parte exatamente da experiência e isso quer dizer: se você não faz mais experiência, no sentido de estar diante de algo que acontece, sentir o seu contragolpe e agarrá-lo, estar no jogo, se você não está fazendo experiência, você perde a inteligência e começa a dizer coisas, começa a fazer interpretações que não têm sentido. Perdemos a inteligência da vida porque somos incapazes de reconhecer o verdadeiro. E por que isso acontece? Porque nos separamos da realidade, não vivemos a realidade. Há um artigo de padre Carrón, em *Passos*^{xxi} que recomendo que vocês leiam porque é muito bonito. Ele diz: temos um problema, nós não vivemos a realidade como problemática (é uma citação de Dom Giussani de *Por que a Igreja*), no sentido de que “já sabemos” a resposta, por isso não nos interessa muito xxii aquilo que a realidade diz, já temos a nossa ideia. Se não fazemos experiência, se não vivemos com o coração, cedo ou tarde nos tornamos estúpidos, incapazes de reconhecer o verdadeiro. O coração – aquilo que Deus deu a você, a razão e a afeição –, não erra, não se engana. Se alguém é fiel ao coração, não erra. Então, para você, ser fiel ao coração é reconhecer algo de belo e de verdadeiro na sua vida e aderir a isso. Esse é o desafio. O desafio é que eu reconheci algo de belo e verdadeiro na minha vida e vou atrás dele, porque é tão atraente que eu quero ficar com ele. Os “porém”, “mas”, “tem certeza?”, são todas objeções que colocamos com a nossa cabeça. Você pensa: vou comprar o bilhete da lotaria e tenho certeza de que vou ganhar.

Intervenção: Não.

Medina: Porém, a coisa mais bonita da vida é que você, dentro de você, tem uma coisa que reconhece o bem, que é o coração, que é despertado pelo bem, despertado por algo bonito. É como se eu fosse uma máquina para vencer na lotaria. Todos os números estão lá, chego e... pum! Aí está ele! O coração é isso. Você tem um coração. A decisão é se vai usar o seu coração (desejo e afeição, razão e afeição) ou outra coisa. Deus lhe deu o coração para reconhecer a felicidade. Se você o usa, vai, pum! Aquele número ali! Mas, você diz: “Espere um pouco, vamos fazer uma análise. Por que não aquele outro número? Olha, talvez seja melhor apostar tudo naquele outro número”. Você precisa confiar naquilo que tem, no coração que tem. O resto, as dúvidas que aparecem, são reflexões, e não são reais. Porque a dúvida é o vazio, não tem realidade, é vazia. Então, o que diz?

Intervenção: *Que a dúvida não me parece vazia. Os motivos pelos quais tenho dúvida existem.*

Medina: Qual é o fato que deixa você em dúvida?

Intervenção: *É uma consequência das coisas que vejo.*

Medina: Você se dá conta de que o seu “porém” não tem tanta substância? Olha que você está escolhendo viver a vida por esse “porém” e diz: “É verdade, é verdade, porém...”.

Alberto Bonfanti: Fiquei impressionado porque você disse: a objeção é que ele é muito contente. Fiquei impressionado porque é como se você, diante da atração que tem, introduzisse essa dúvida: que é impossível, que ele é muito contente, que não é possível. E então, deixa essa dúvida vencer em relação à atração que você diz reconhecer, que diz ver, em relação à inveja que diz que tem. Tanto é verdade que entende que esse “mas” é fraco, porém você lhe dá peso. Parece-me que é aquilo que Julián nos disse: “se fôssemos leais com esse desejo, com esse ímpeto, com essa atração” que você vê; mas depois diz: “É muito contente”. E isso é como se dificultasse a lealdade para com a atração.

Medina: Porém...

Intervenção: *Porém, é como se eu me perguntasse: como faço para ter a segurança de que aquilo que ele vive é real, que é realmente aquilo que sustenta a sua vida?*

Medina: Se você quer saber, se quer verificar, precisa apostar, precisa se empenhar. Precisa decidir. Esse é o ponto da decisão. Precisa decidir se quer apostar no bem que vê ou em outra coisa. A razão pela qual lhe digo que sua dúvida é fraca – como a minha dúvida pode ser fraca –, é porque... você pensa: todos os bilhetes estão lá, o meu coração bate por um e eu aposto tudo naquele, estou realmente voltado para aquele. Desculpe, mas a sua dúvida faz você se voltar para qual?

Intervenção: Não sei.

Medina: Para nenhum. Porque a dúvida paralisa. Eu aposto a vida, não irracionalmente, eu aposto porque reconheci um bem, e digo: vou atrás. Mas você não aposta mais a vida porque a dúvida lhe paralisa. Então, é dura, como é dura uma vida assim! Acho que a maneira mais dura de viver a vida

é exatamente viver submerso na dúvida, porque a pessoa não é capaz de amar ninguém. “Mas, você realmente gosta de mim? Tem certeza? Você não vai me trair?”. Você não é capaz de viver. A dúvida leva apenas ao desespero, ao nada. E você, diante de todos os bilhetes de lotaria, não consegue optar por nenhum. “É o 3? Não, é o 13. Não, esse número dá azar. O 5. Não, não é esse, acho que é aquele verde” e não escolhe. Eu sugiro, rezo por você, mas sugiro que você se fixe em alguma coisa – eu não quero convencer, não pense que isso é para convencer –, mas eu lhe digo, como amigo: foque algo que é verdadeiro, que existe, porque a dúvida não existe. Talvez você tenha questionamentos, mas eles não levam a lugar nenhum. Obrigado.

Intervenção: *Queria perguntar quais foram os fatos, os passos da sua vida pelos quais, a um certo ponto, você reconheceu com razoabilidade que objetivamente aquela excepcionalidade que você via era Cristo, porque você fala d’Ele como objetividade e me parece absolutamente não automática de ser reconhecida.*

Medina: Por que não?

Intervenção: *Porque eu vejo coisas excepcionais que me correspondem, porém os fatos e Cristo são duas coisas diferentes.*

Medina: Esse “porém” é uma coisa impressionante! Porque você diz que não é tão automático?

Intervenção: *Eu não sei nem quem é esse aqui. Não é que se vejo coisas bonitas, se me encontro com Sara ou Daniela, digo: “É Cristo” a excepcionalidade que há na amizade com elas.*

Medina: Mas você experimentou a excepcionalidade?

Intervenção: *Claro!*

Medina: Excepcionalidade no sentido de que é algo que é importante, aquele bem sobre o qual você apostaria a vida. Você apostaria sua vida por suas amigas?

Intervenção: *Sim.*

Medina: A felicidade que você sente, que corresponde especificamente a estar com elas, é algo que é somente elas ou é alguma outra coisa?

Intervenção: *Já que não é só por uma pessoa que eu apostaria tudo, então poderia ser alguma outra coisa.*

Medina: Poderia. Olha, Anna, eu respondo com a minha última experiência. Falo disso porque me tocou muito, foi a última vez em que Cristo me tocou realmente de maneira forte, que me pôs KO. Foi há duas semanas (mencionei isso na palestra) – eu tinha escrito coisas até bonitas, que vocês não ouviram –, sexta-feira à noite, às dez e meia, ainda estava na Escola trabalhando sobre Tríduo, quando li um testemunho e disse: “Caramba!”. Estava lá, refletindo: “Como faço para apresentar Cristo, a história de Cristo para eles, assim como eu a percebo...”, tinha escolhido as passagens do Evangelho, estava tudo certo. E, naquele instante, disse: “Mas este é Cristo!”. Eu não disse: “Essa é

a história de Cristo, Cristo está presente hoje e faço vocês verem”. Não, eu disse: “Este é Cristo”. Por que sei que é Cristo? Porque a experiência que fiz é a mesma experiência que fizeram os apóstolos, é a mesma coisa, a experiência de um homem potentemente mudado, independentemente das ideias, dos esquemas. Como aconteceu com aqueles homens, e como aconteceu a mim. Esta foi a última vez em que ficou claro para mim que Cristo existe, a ponto de eu dizer: “Tudo bem, começo a escrever outra vez!”. E recomecei. Recomecei não porque aquilo que tinha escrito fosse inadequado, recomecei de um fato: este é Cristo, eles falam de Cristo, e então parto daqui. Para mim, a dificuldade foi exatamente sobre esse ponto, porque precisava escolher entre recomeçar daquele fato ou: “Olha, você não tem mais tempo, esses testemunhos chegaram atrasados, posso fingir que não os li”. É a escolha entre Cristo ou o meu critério. E o Senhor me deu a graça de escolher o certo. Conto outra coisa. Num determinado momento da minha vida, tive a intuição da vocação, mas para mim isso era um pouco pesado. Eu sentia que havia algo e num determinado momento essa vocação ficou mais clara, então fui até um amigo padre e lhe disse: “Olha, tenho uma intuição de que tenho vocação para o sacerdócio, mas tenho um problema: não gosto da vida de padre, vocês vivem sozinhos e eu quero ganhar dinheiro, porém, tenho essa intuição”. Naquele momento, decidi pela atração, decidi arriscar tudo sobre aquilo que eu tinha reconhecido como verdadeiro e bonito na vida, não decidi pela objeção, verdadeira ou não. Decidi por algo que era bonito para mim, e apostei tudo. Para mim, a vida de padre parece uma coisa muito bonita: não me aborrece, não vivo sozinho, e até pouco tempo, eu também ganhava dinheiro. Mas entendam que a questão da vida é que se decida pela atração, não pela objeção, mas por aquilo que existe.

Intervenção: *Por que você escolheu esse título?*

Medina: “Ele foi olhado, então viu”. Esse é um amigo que diz: “Sou muçulmano, fui ao Tríduo para entender um pouco do cristianismo. Ouvi falar de Jesus, do que ele fez e do que aconteceu com ele. Comecei a me perguntar: quem sou eu?”. Muito bem. Você é olhada e é exatamente o olhar sobre você que lhe faz ver coisas que não imaginava antes. Ele conseguiu entender um pouco mais do cristianismo, provavelmente também tinha um pergunta intelectual: vamos ver o que essas pessoas fazem, e foi embora com esta pergunta: “Mas quem sou eu?”. Olha, isso é comovente. Não é fruto de uma discussão, é um fato que se faz presente, que é tão belo que me diz: mas quem sou eu?

Intervenção: *Como faço para manter o belo, tudo o que aprendo aqui, e usá-lo na minha vida?*

Medina: Vamos, já faz duas horas que estamos falando.

Intervenção: *Não estou lhe pedindo para me dar a estrada inteira, estou pedindo o primeiro passo porque eu não sei.*

Medina: Mas, faz duas horas que estamos falando sobre isso! É preciso começar de uma atração que se impõe. Vou lhe fazer as mesmas perguntas mais uma vez: você sente inveja de alguém?

Intervenção: *Sim, também do Gianni.*

Medina: Meninos, se não partirem de algo que está presente, que é atraente, vocês perdem tempo. A lotaria está lá: o bilhete, aquele lá. Eu quero aquele lá. Use seu coração, siga... você me pergunta qual é o primeiro passo: parta da atração que se fez presente, da beleza e da verdade que você viu, que vislumbrou e que corresponde ao seu coração.

Intervenção: *Não consigo concretizar isso. Como posso fazer...*

Medina: Fique perto de Gianni. Preste atenção em como faz as coisas. “Olha, parece que você está contente, o que você faz? De manhã, quando se levanta, o que você faz? O que faz para ser tão contente?”. Você deve perguntar a ele.

Faço uma recomendação, tenham as coisas que nos dissemos no coração, no sentido de: não percam tempo!

Notas

ⁱ Nazianze, G. Carmina II/I, carne LXXIV, vv. 4-12. In: Migne, Jacques Paul. *Patrologia Graeca* (v. XXXVII). Paris: J.-P. Migne, 1862 (col. 1422).

ⁱⁱ Camus, A. *Calígola* (atto I, scena IV). Milão: Bompiani, 2000.

ⁱⁱⁱ Giussani, L. *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 11.

^{iv} *Sb* 1,13-16.

^v Cf. Giussani, L. *Che cos'è l'uomo perché te ne curi?* Milão: San Paolo, 2000, p. 43.

^{vi} Agostinho. *Enarrationes in Psalmos*, 37,14.

^{vii} Cf. *Sl* 70,2.

^{viii} Giussani, L. *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*. Milão: BUR, 2011, p. 526.

^{ix} Nazianze, G. Carmina II/I, carne LXXIV, vv. 4-12. In: Migne, Jacques Paul. *Patrologia Graeca* (v. XXXVII). Paris: J.-P. Migne, 1862 (col. 1422).

^x Giussani, L.; Alberto, S.; Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, pp. VI-VII.

^{xi} Cf. *Jo* 3,4.

^{xii} Lagerkvist, P. *Barabba*. Milão: Jaca Book, 1998, pp. 14-15.

^{xiii} Lagerkvist, P. *Barabba*. Milão: Jaca Book, 1998, p. 40.

^{xiv} Giussani, L. *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, pp. 195-196.

^{xv} Cf. *Jo* 21,15-17.

^{xvi} Cf. *1Cor* 10,31; *Rm* 14,7-8.

^{xvii} GIUSSANI, L. *Affezione e dimora*. Milão: BUR, 2001, p. 242.

^{xviii} Carrón, Saudação na conclusão do Tríduo Pascal dos Colegiais. Rímni, 30 de março de 2013.

^{xix} Cf. *Lc* 9,33

^{xx} *Mt* 16,26; *Mc* 9,36

^{xxi} J. Carrón, “Ubi fides, ibi libertas”, *Passos* maio 2013, p. 19

^{xxii} “Nossa postura de homens modernos em face do fato religioso carece de problematidade; não é, normalmente, uma postura problemática verdadeira” (L. Giussani, *Por que a Igreja?*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 63)